UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

CAROLINA MARTINEZ CANELO

**Espaços Mentais no meio digital: um estudo sobre as *hashtags* *#gostariaque* e
*#gostavaque***

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2018

CAROLINA MARTINEZ CANELO

Espaços Mentais no meio digital: um estudo sobre as *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque*

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Módolo

De acordo: ____ / ____ / ____.

Assinatura do orientador: _____.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C221e Canelo, Carolina Martinez Canelo
Espaços Mentais no meio digital: um estudo sobre as hashtags #gostariaque e #gostavaque / Carolina Martinez Canelo Canelo ; orientador Marcelo Módolo. - São Paulo, 2018.
145 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. linguística cognitiva. 2. redes sociais. I. Módolo, Marcelo Módolo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Silvana e Claudio, pelo apoio incondicional em todos os momentos dessa longa jornada acadêmica: os primeiros anos escolares, a graduação e o mestrado. Obrigada por acreditarem tanto em mim, e nunca me deixarem desistir dos meus sonhos.

À minha irmã, Carla, que além de um exemplo a ser seguido por mim, é a companheira que sempre me acalmou quando precisava.

Ao meu marido Ricardo, por respeitar as longas horas de estudo, desde a graduação até o mestrado. Obrigada pelas cobranças insistentes, as quais me fizeram levar adiante a pesquisa, e por nunca duvidar da minha capacidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Módolo, que desde a graduação confiou em meu potencial e sempre me motivou a trilhar os caminhos acadêmicos. Sem esse apoio, sei que seria impossível ter chegado até aqui.

Às minhas amigas de graduação Amanda, Angelly, Beatriz, Lígia e Mayara, que compartilharam comigo tantas experiências que seria difícil enumerar. Obrigada pela companhia que continuou na pós-graduação e na vida pessoal. O apoio de vocês foi – e ainda é – fundamental.

Aos meus colegas de profissão do Colégio Bandeirantes, Alexandre, Angelly, Arthus, Carolina, Cátia, Danielle, Elizabeth, Eneida, Fabiana, Gabriel, Karina, Karla, Lenira, Maísa, Marlene, Melissa, Michelle, Mila, Simone, Susana, Tomás, Vinícius, com os quais aprendo diariamente a ser uma pessoa melhor, bem como uma profissional melhor. Obrigada por todo apoio ao longo desses anos.

À Banca de Qualificação e à Banca Final, compostas pela Prof. Dr. Deize Crespim Pereira, pelo Prof. Dr. Henrique Santos Braga, pelo Prof. Dr. Artarxerxes Tiago Tacito Modesto, e pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, que fizeram críticas e sugestões que nortearam o encaminhamento da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização dessa pesquisa.

A todos vocês, meu mais sincero obrigado.

When language, mind, and culture are the object of scientific study, the investigator is no longer a mere spectator. He or she is one of the actors, part of the phenomenon under study: The thinking and talking that need to be demystified are also the thinking and talking used to carry out the demystification. The investigation that will reveal backstage secrets is also part of the main show, and clearly we are on intellectually perilous ground.

Gilles Fauconnier

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o uso das *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque* que foram veiculadas por falantes brasileiros e portugueses na rede social *Twitter*. A abordagem teórica que fundamentou este estudo foi a linguística cognitiva, a qual assume a interdependência da cognição e do contexto sociocultural para a produção da língua, isto é, qualquer tipo textual produzido por um falante. Ao tratar de cognição, foi de suma importância discutir como espaços mentais (EM) são ativados e gerenciados no desenrolar comunicativo (cf. FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; FAUCONNIER; TURNER, 2002). As *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque* ativam diferentes EM, como o de contrafactualidade e de possibilidade. Também se verificou que essa ferramenta muito presente no meio digital é capaz de modalizar pedidos. Uma vez que a recorrência de determinada construção linguística evidencia um caráter prototípico, ainda foi possível verificar as construções mais frequentes no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE). A dissertação visa, portanto, propor uma análise cognitiva das *hashtags*, levando em consideração a importância do contexto sociocultural para a escolha de determinadas construções linguísticas e para a produção do sentido.

PALAVRAS-CHAVE: modalização de pedidos; *#gostariaque*; *#gostavaque*; linguística cognitiva; espaços mentais.

ABSTRACT

This work aims to analyze the use of hashtags *#gostariaque* and *#gostavaque* that were transmitted by Brazilian and Portuguese speakers in the social network Twitter. The theoretical approach underlying this study was cognitive linguistics, which assumes the interdependence of cognition and the sociocultural context for the production of language, that is, any textual type produced by a speaker. In dealing with cognition, it was extremely important to discuss how mental spaces (MS) are activated and managed in the communicative process (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; FAUCONNIER; TURNER, 2002). The hashtags *#gostariaque* and *#gostavaque* activate different MS, such as counterfactuality and possibility. It has also been found that this tool widely used in the digital medium is able to modalize requests. Since the recurrence of a certain linguistic construction shows a prototypical character, it was still possible to verify the most frequent constructions in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). The dissertation aims, therefore, to propose a cognitive analysis of hashtags, taking into account the importance of the sociocultural context for the choice of certain linguistic constructions and for the production of meaning.

KEYWORDS: requests modalization; *#gostariaque*; *#gostavaque*; cognitive linguistics; mental spaces.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS E HIPÓTESES	12
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
1.1. A visão cognitivista da linguagem	15
1.2. A Teoria dos Espaços Mentais	19
1.3. O conceito de modalidade.....	32
1.4. Textos Multimodais	40
2. CORPUS E METODOLOGIA DE ANÁLISE	46
2.1. A escolha do <i>corpus</i>	46
2.2. Metodologia	52
3. A ATIVAÇÃO DE ESPAÇOS MENTAIS NOS <i>TWEETS</i>	53
3.1. O espaço mental contrafactual	53
3.1.1. Contrafactualidade forte	60
3.1.2. Contrafactualidade fraca	64
3.2. O espaço mental de possibilidade.....	68
3.2.1. O espaço mental de futuro	74
3.3. A modalização de pedidos.....	78
3.4. O tempo verbal como ferramenta construtora de espaços mentais.....	85
3.4.1. O tempo	86
3.4.2. O modo.....	91
3.5. Os protótipos: diferentes usos para o PB e PE.....	93
3.5.1. Categorização e prototipia	94
3.5.2. Os usos do PB e do PE	96
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS.....	111
ANEXO A – Ocorrências de <i>#gostariaque</i>	111
ANEXO B – Ocorrências de <i>#gostavaque</i>	124
ANEXO C – Ocorrências contrafactuais fortes de <i>#gostariaque</i> e <i>#gostavaque</i>	137
ANEXO D – Ocorrências contrafactuais fracas de <i>#gostariaque</i> e <i>#gostavaque</i>	141
ANEXO E – Ocorrências de possibilidade de <i>#gostariaque</i> e <i>#gostavaque</i>	141
ANEXO F – Ocorrências de pedidos modalizados de <i>#gostariaque</i> e <i>#gostavaque</i>	143

INTRODUÇÃO

Estudar variedades de uma mesma língua é tarefa contínua, afinal, toda língua está em constante mudança. Expressões que antes eram frequentes podem acabar desaparecendo, e outras pouco usuais podem se tornar prototípicas. Pensando no português brasileiro (doravante PB) e no português europeu (doravante PE), é possível constatar que essas duas variedades possuem muitos fenômenos linguísticos diferentes, sejam eles gramaticais, discursivos, semânticos ou lexicais, por exemplo.

Em meio a tantos fenômenos presentes na língua portuguesa, o primeiro passo mais difícil foi definir um tema, um recorte, um objeto de análise para a presente dissertação. Conversando com um ex-colega de trabalho, foi sugerido na ocasião dar atenção à variação temporal em construções com o verbo *gostar*: no PB o uso de *gostaria que*, e no PE *gostava que*. A sugestão pareceu bastante interessante, uma vez que tratava de variações observadas em diversos contextos comunicativos, como em redes sociais¹, em programas televisivos², etc.

Ao procurar embasamento teórico para tal recorte linguístico, não foram encontrados estudos no respaldo da literatura que explicassem o fenômeno da variação entre PB e PE a partir de um ponto de vista cognitivo, o que serviu como motivação para investigar a diferença entre *gostaria que* e *gostava que*. Ademais, ao pensar sob o prisma da linguística cognitiva, é bastante pertinente analisar expressões que já estão enraizadas na gramática da língua, ou seja, são frequentemente veiculadas na sociedade, pois elas trazem evidências de contextos socioculturais que podem, certamente, influenciar o modo de falar das pessoas.

Além disso, ao considerar a proposta da Teoria dos Espaços Mentais³, é possível verificar que contextos socioculturais diferentes atuam juntamente com a cognição para que

¹Como exemplo vale citar o uso das *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque*, pesquisadas no Twitter: [#gostariaque](#) tudo fosse um sonho que a realidade nunca batesse em minha porta#praque tbm viver sonhando se uma hora vc acorda kkkkk

[#GostavaQue](#) os gajos da Santa Casa percebessem que não sou rico

² É possível notar o uso de *gostava que* no *The Voice Portugal*, por exemplo: <https://www.youtube.com/watch?v=WfN3robW2is>. Acesso em fevereiro de 2018.

³ Fauconnier (1994, 1997) e Fauconnier & Turner (2002).

a expressão linguística ocorra. O pensamento humano, as experiências vividas e a língua são organizadas por meio de *frames* e espaços mentais (doravante EM), sendo que tais espaços podem ser acessados de diferentes formas. Essa corrente teórica foi um outro motivador para essa pesquisa, pois não foram encontradas análises da variação *gostaria que X gostava que* embasadas em tal teoria.

Após o Exame de Qualificação, a Professora Doutora Deize Crespim Pereira chamou a atenção para outro fenômeno linguístico: a modalização. De acordo com a Professora, seria pertinente analisar como a variação entre os tempos verbais do verbo *gostar* poderia relevar pedidos modalizados nos *tweets*. Modalizar é imprimir marcas no discurso, as quais podem revelar conhecimentos do falante, bem como obrigações impostas e possibilidades. A modalização é um caminho para entender como a interação é gerenciada, como falantes se posicionam diante de situações cotidianas e do papel que assumem no ato comunicativo. A variação *gostaria que X gostava que* pode, por exemplo, codificar um pedido modalizado, como será discutido posteriormente.

Pensando em como tratar do fenômeno linguístico escolhido, a busca pelos dados acabou envolvendo a *internet*: o *corpus* é formado por *tweets*, isto é, *posts* feitos na plataforma online e gratuita *Twitter*. Tal rede social é bastante relevante, uma vez que é usada globalmente para veicular todo e qualquer tipo de informação. Além disso, o *Twitter* é uma ferramenta com amplo alcance para compartilhar textos curtos, com apenas 280 caracteres. O limite imposto nos *tweets* é um fator que possibilita o uso das *hashtags*, as quais evidenciam os temas mais frequentes e facilitam o compartilhamento de diversos assuntos (*trend*⁴) por exemplo. Nos *tweets*, que envolvem as *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque*, também foram encontrados textos multimodais — produções textuais pautadas na junção de elementos alfabéticos e imagéticos, já que se verificou a presença de *emoticons* e *emojis* para reforçar o conteúdo da mensagem a ser publicada. Nota-se, portanto, o uso da tecnologia não só para veicular o discurso, mas também para modalizá-lo.

⁴ O conceito de *trend* envolve a tendência de temas compartilhados, ou seja, as *hashtags* sintetizam determinado assunto e, quanto mais elas foram usadas, mais tal tópico será divulgado.

Apesar de o *Twitter* não constituir uma modalidade oral, isto é, a comunicação não ocorre por meio da fala, verifica-se que o menor grau de formalidade e a obrigatoriedade da escrita acabam gerando um texto “falado por escrito”. A existência de pistas de contextualização evidencia marcas orais nos textos escritos do *Twitter*. Tais pistas “são traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais”⁵. Como exemplo, é possível citar abreviações, *emoticons*, alternância de caixa alta e caixa baixa, pistas presentes em conversações no meio digital, em redes sociais, e em *tweets*.

Outrossim, a presente dissertação tem o intuito de contribuir com os estudos da língua portuguesa em uso, buscando analisar a variação *gostaria que vs. gostava que* sob o prisma da Teoria dos Espaços Mentais, a qual trata a língua como um fenômeno sociocognitivo. Dito de outro modo, tal corrente teórica pressupõe que o contexto sociocultural, bem como os valores que são apreendidos desse e as experiências vividas por um falante, e a cognição possibilitam que a linguagem humana ocorra. Por isso, os dados aqui analisados foram extraídos de contextos reais de comunicação, veiculados na internet, por meio da rede social *Twitter*.

No primeiro capítulo, serão retomados os pressupostos teóricos que fundamentaram a nossa pesquisa. Apresentaremos a visão cognitivista da linguagem, com foco para a *Teoria dos Espaços Mentais*. Também discutiremos o conceito de modalidade e de textos multimodais, uma vez que o *corpus* possibilitou a análise por meio de tais noções.

No segundo capítulo, será explicada a escolha do *corpus*, bem como o funcionamento do *Twitter* e do uso das *hashtags*. Ademais, apresentaremos a metodologia utilizada ao longo do trabalho, desde a etapa da pesquisa e revisão bibliográfica, até a análise dos dados.

No terceiro capítulo, analisaremos o *corpus* em questão, defendendo o pressuposto de que há caminhos linguísticos diferentes no PB e no PE para ativar os mesmos espaços mentais. Além disso, a interpretação dos dados será de suma importância para que possamos identificar quais EM foram construídos.

⁵ MODESTO, Artarxerxes Tiago Tacito. *Processos Interacionais na Internet: Análise da Conversação Digital*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011, p. 34.

Por fim, exibiremos as conclusões de nossa análise – recapitulando os resultados obtidos, assim como as hipóteses que foram confirmadas, e as perguntas que ainda poderão ser trabalhadas futuramente em outros projetos.

OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo do presente trabalho é analisar como espaços mentais são ativados e construídos ao longo do ato comunicativo. Adotando como base teórica a linguística cognitiva, o recorte escolhido para a pesquisa leva em consideração o uso real da língua, isto é, discursos que foram produzidos e compartilhados por falantes, bem como o processamento cognitivo gerenciador da linguagem.

Pelo fato de o meio digital ser recorrentemente utilizado nos tempos atuais, sendo parte da rotina dos seres humanos, pensou-se em estudar a rede social *Twitter*, especialmente o uso das *hashtags*, pois essas sintetizam conceitos e facilitam o compartilhamento de informações⁶.

Para cumprir o objetivo de verificar a construção de EM, foi necessário direcionar a pesquisa a expressões linguísticas específicas: a utilização de *gostaria que*, no PB, e *gostava que*, no PE. O intuito é investigar quais tipos de EM podem ser ativados por essas construções e se há usos prototípicos do PB e do PE.

Sabendo que a linguagem verbal não é a única veiculada nas redes sociais, também se mostra interessante identificar se o uso de *emojis* e *emoticons* pode contribuir para o compartilhamento de informações. Caberá considerar o papel que essas ferramentas digitais exercem para a produção do sentido.

Então, dito de outro modo, o *corpus* é formado por usos reais da língua portuguesa, as *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque*. A pesquisa tem o propósito de averiguar:

- (i) se, de fato, há construções linguísticas diferentes sendo veiculadas no PB e no PE;
- (ii) quais os tipos de espaços mentais ativados por meio das *hashtags*;
- (iii) os tempos verbais utilizados para a construção de EM;

⁶ Vale acrescentar que as *hashtags* compartilham todo tipo de informação: texto escrito; imagem; vídeo; campanhas sociais; legenda de foto; etc. É importante notar que elas resumem um conceito, e também servem como marcadores de tendência, já que quanto mais veiculada uma *hashtag* é, mais popular se torna determinado assunto.

- (iv) a influência de ferramentas digitais, como os *emoticons* e *emojis*, para a produção do sentido;
- (v) a relação entre texto falado e escrito, a qual pode ser identificada no meio digital.

As hipóteses iniciais que guiarão o estudo são:

- (i) os falantes brasileiros e portugueses compartilham *hashtags* diferentes. No PB, verifica-se o uso de *#gostariaque*, enquanto o PE veicula *#gostavaque*. É possível refletir, então, sobre *hashtags* exclusivas para essas variedades;
- (ii) a ativação de espaços contrafactuais por meio da escolha linguística do verbo *gostar* juntamente com o futuro do pretérito ou pretérito imperfeito. Percebe-se, primeiramente, que as *hashtags* e as orações subordinadas que as seguem funcionam para expressar uma incompatibilidade com o mundo real. Logo, há a construção de EM de contrafactualidade;
- (iii) uma vez que a contrafactualidade é uma forma de tecer hipóteses, pode-se propor que as *hashtags* são capazes de ativar também espaços de possibilidade, os quais apresentam situações possíveis de acontecer no futuro;
- (iv) a escolha do verbo *gostar* aponta para um desejo, até mesmo um pedido sendo feito de um falante para outro interlocutor. Nota-se o uso de modalização para expressar tal requerimento;
- (v) os *emojis* e *emoticons* são fundamentais para a produção do sentido, uma vez que reforçam sentimentos e expressões faciais, trazendo uma carga emocional importante para a interpretação dos *tweets* publicados;
- (vi) modalidades oral e escrita atuam juntas no campo digital. Muitos *tweets* trazem traços da modalidade oral, mas são veiculados por meio da escrita. Há, portanto, moldes do texto escrito baseado em usos da oralidade.

Caberá, nas próximas seções, apresentar com um maior detalhamento os pressupostos teóricos que amparam a pesquisa. Inicialmente, discutir-se-á a visão da linguística cognitiva, bem como a teoria dos espaços mentais. Em seguida, será apresentada a noção de modalidade. Por fim, o conceito de multimodalidade será introduzido, uma vez que o *corpus* é formado por *tweets* com a combinação de texto verbal e não-verbal.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo serão apresentadas as principais correntes teóricas que embasaram o nosso estudo. Em especial, será discutido como os espaços mentais e *frames* são responsáveis pela organização de nossos pensamentos e pela produção linguística, ou seja, pela formulação de enunciados ao longo da vida.

Ademais, vale dar atenção também à importância do contexto para que informações extralinguísticas sejam interpretadas e levem ao sentido, ao significado daquilo que está sendo dito.

Ao analisar os dados que compõem o *corpus*, foi muito relevante notar que a modalização é um fenômeno presente na língua portuguesa, servindo como meio de o falante imprimir marcas no enunciado e como ferramenta de gerenciamento da interação. Em outras palavras, por meio do verbo *gostar* e dos tempos verbais escolhidos, pedidos foram modalizados nos *tweets* e a interação entre falantes distintos foi estabelecida: ao expressar um pedido, quem postou o *tweet* modalizado encontra-se em uma posição de querer que alguém “faça”⁷ algo por ele, o que, de certa forma, daria um poder maior ao seu interlocutor, uma vez que cabe a este realizar ou não o que foi solicitado.

Também será explicada a diferença entre modalidade deôntica e epistêmica: a primeira envolve noções de obrigação e permissão, e a segunda abrange os conceitos de necessidade e possibilidade. Alguns verbos modais serão citados como exemplo para ilustrar tal distinção, como *dever* e *poder*.

Por fim, discutiremos a questão dos textos multimodais, uma vez que as sentenças analisadas também são formadas por *emoticons* e *emojis* que servem para reforçar emoções, por exemplo.

⁷ Ao expressar um pedido, é provável que o locutor espere algo de seu interlocutor, por exemplo.

1.1. A visão cognitivista da linguagem

A Linguística Cognitiva analisa a linguagem sob uma perspectiva não modular, ou seja, a teoria “prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem” (FERRARI, 2014, p. 14). Sendo assim, a estrutura linguística interage com o conteúdo conceptual, e as palavras orientam a construção de sentido. Além disso, a arquitetura da gramática, nessa perspectiva, seria uma rede neural com pontos de interligação, ou seja, a sintaxe acessa diferentes pontos, como a morfologia, a semântica, e vice-versa. O significado linguístico é resultado da interação entre construção mental e mundo: a língua faz parte da conexão entre ambiente sociocultural e cognição, sendo a sintaxe, semântica e pragmática fundamentais na compreensão do sentido.

A cognição e a linguagem possuem uma relação estreita de interdependência, pois há processos linguísticos que dependem de estratégias cognitivas, bem como existem processos mais complexos que precisam de uma base linguística. Como aponta Cabral (2005, pp. 213-214),

Apesar das menções de que as funções mentais superiores (...) não estão todas elas subordinadas a ou dependentes da linguagem, admito como Cassier (1944) que, após a entrada da criança no domínio do signo verbal, opera-se uma verdadeira avalanche na apreensão do conhecimento. Isto porque, em vez de ela sozinha ter que inventar um nome para cada referência, as pessoas que a cercam já são herdeiras de um sistema que atribui aos signos os mesmos valores básicos e o transmitem, assim como o receberam (ou aproximadamente). Podemos, pois, afirmar que, *embora a linguagem verbal não seja a única forma de representar a experiência, ela é a forma privilegiada para comunicá-la.* (grifos nossos)

Portanto, a linguagem verbal é responsável por melhorar a apreensão de conhecimento por um falante de uma língua natural. Além dessa melhor compreensão, privilegia-se a linguagem verbal como meio de expressão, seja em redes sociais, em conversas por telefone, face a face: comunicação se dá, principalmente, por meio de tal linguagem. Ademais, a transmissão dessa

língua envolve também valores socioculturais, afinal, uma comunidade de falantes está inserida em uma sociedade com crenças e instituições estabelecidas.

Além de relacionar a linguagem humana com cognição, a teoria cognitiva também pressupõe que

[...] o pensamento provém da constituição corporal humana, apresentando características derivadas da estrutura e do movimento do corpo e da experiência física e social que os humanos vivenciam por meio dele. Além disso, o pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos que não são diretamente associados à experiência física, emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver ou sentir (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 23).

Logo, os sentidos corporais possuem um importante papel não só na constituição do conhecimento, mas também na organização e aquisição de experiências socioculturais, como a percepção das cores e a noção de passado e futuro. Quanto às cores⁸, é possível constatar que o luto é representado de maneiras diferentes: na cultura ocidental, o preto é a cor que configura a morte, e tal evento natural da vida possui um significado negativo, afinal, perde-se alguém que foi querido, por exemplo. Contudo, na cultura oriental, como a chinesa, o branco simboliza o luto, ao qual se atribui um valor positivo. Nossos sentidos percebem ambas as cores, preto e branco, e o contexto sociocultural acaba conferindo significações distintas para o que está sendo descoberto pela experiência corporal.

Cabe acrescentar ainda que os esquimós, por exemplo, possuem mais de dez palavras diferentes para expressar as cores da neve. Esse fato pode ser explicado ao refletirmos sobre o espaço geográfico no qual eles estão inseridos: por diariamente lidarem com a neve, há uma necessidade de nomear os diversos tons e texturas – as quais são percebidas de modo sensorial – para que a comunicação seja eficaz, isto é, para que os falantes consigam expressar a realidade que os cerca. A existência de vocábulos distintos não implica em capacidade visual: todos os seres humanos, no geral, possuem o sentido da visão e conseguem enxergar a neve. A diferença discutida aqui não é biológica, mas sim cultural e linguística: o vocabulário dos esquimós retrata nuances de cor na neve que cercam tal povo e precisam ser nomeadas.

⁸ Cf. Guimarães, 1996, pp. 1-17.

Também vale notar que o conceito do tempo passado como algo que ficou para trás é recorrente nas línguas naturais, como o português, e está diretamente relacionado ao corpo: caminhar para trás seria voltar ao passado, lembrar algo que já foi vivido anteriormente. Para o futuro é comumente atribuído a noção de ir para frente, algo que ainda estaria por acontecer e que seria desconhecido. Esses conceitos recorrentes podem variar de acordo com o contexto sociocultural: como exemplo, pode-se citar a construção *ir* (presente do indicativo) + *infinitivo* utilizada tanto no português quanto no catalão. Para a língua portuguesa, tal formação é usada para designar o futuro. Já no catalão, usa-se *anar* (presente do indicativo) + *infinitivo* para expressar o passado. Tal diferença pode ser explicada, quanto à percepção sensorial, da seguinte forma: para a língua catalã, o que está na frente do corpo é algo conhecido, algo que já se viveu. O movimento de ir para frente seria, então, encontrar com o passado, e não com o futuro, como nota-se no português.

Outrossim, o uso de metáforas e metonímias é uma ferramenta cognitiva para apreendermos o mundo: expressões linguísticas como o *pé da cadeira*, o *braço do sofá*, por exemplo, trazem pistas de um processamento metafórico de objetos que existem no mundo, e é por meio desses recursos que somos capazes de expressar também conceitos mais abstratos, como o amor, raiva, etc.

Assumindo, então, a existência de uma interdependência entre cognição e linguagem, é possível propor que o significado é uma “construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (FERRARI, 2014, p.15). Dito de outro modo, o significado de uma sentença não envolve as condições de verdade dessa, mas abrange as representações mentais de um falante sobre o mundo, falante este que está inserido em uma sociedade e, portanto, adquire e carrega traços ideológicos, como crenças, baseados na cultura transmitida no grupo no qual convive.

É imprescindível deixar claro que, como aponta Marcuschi (2010, p. 43)

[...] minha concepção de língua pressupõe um fenômeno *heterogêneo* (com múltiplas formas de manifestação), *variável* (dinâmico, suscetível a mudanças), *histórico e social* (fruto de práticas sociais e históricas), *indeterminado* sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às

condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como *texto e discurso*. (grifos do autor)

Logo, a visão de língua adotada neste trabalho assume (i) a existência de diversos meios de produção linguística⁹; (ii) a influência constante de valores socioculturais que são alterados ao decorrer da história e (iii) o uso como ferramenta de construção da gramática¹⁰. Ainda vale acrescentar que a língua é também um fenômeno *cognitivo*, uma vez que a produção linguística ocorre por meio da cognição.

Ademais, para analisar o sentido de um texto¹¹ – seja ele oral ou escrito – é de suma importância considerar o contexto como uma ferramenta essencial na produção de significado. Ou seja, a semântica cognitiva pressupõe verificar como se dá a interação presente no ato comunicativo. Para ser possível compreender o significado, e até mesmo a intenção de um falante, deve-se perceber propriedades relevantes da situação de comunicação. Por isso, pragmática e semântica são componentes da gramática que atuam diretamente na interpretação do sentido. Segundo Van Dijk (2004, p. 81)

A determinação definitiva de um ato de fala¹² ocorre, naturalmente, após a compreensão do próprio enunciado e depois de serem relacionadas às informações derivadas do enunciado que são pragmaticamente relevantes, as informações derivadas da análise do contexto.

Desse modo, ao se identificar quem fala, onde fala, o que fala e para quem fala, é possível atribuir sentido à sentença. Como exemplo, pode-se citar:

⁹ Ao citar “meios de produção linguística”, entende-se o amplo leque de textos escritos e falados, bem como os diferentes gêneros textuais e os veículos que compartilham tais textos, como as redes sociais, jornais, revistas, etc.

¹⁰ Assume-se que o uso molda a gramática, isto é, a partir do uso ficam evidentes as estruturas sintáticas prototípicas de uma língua, bem como a relação entre fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática.

¹¹ “Um texto é todo componente gramaticalmente coerente de um ato expressivo em uma situação determinada com uma especificação temática e uma intenção expressiva. Este componente de signos linguísticos pode ser de origem oral ou escrita.”. (IBÁÑEZ, 1990, p. 1, tradução nossa).

¹² Não caberá nessa dissertação discutir de modo aprofundado o que são atos de fala. Assume-se que qualquer sentença é interpretada pelo processamento pragmático e semântico. Como breve esclarecimento, cabe dizer que há sentenças que “(...) não são usadas só para *dizer* coisas, isto é, descrever estados de coisas, mas sim ativamente *fazer* coisas” (LEVINSON, 2007, p. 290). Um exemplo de ato de falar seria *Dou minha palavra*, pois essa sentença não se resume a expressar um estado de coisas do mundo, já que, de fato, *faz* uma promessa.

A sentença anterior pode ser interpretada como um pedido ou ainda uma reclamação. O sentido será compreendido ao considerar as informações provenientes do contexto: quem são os interlocutores, onde o enunciado foi dito, qual a relação entre os interlocutores, quais papéis esses assumem no ato comunicativo, etc. Por exemplo, se (1) tivesse sido dita por um editor de programas de televisão em uma reunião com o seu departamento, provavelmente tal editor estaria sugerindo que é necessário apresentar ideias mais interessantes para a programação, até mesmo a reformulação do conteúdo televisivo a ser exibido aos domingos, ou seja, há um pedido para a equipe: deve-se melhorar os programas exibidos aos domingos. Ao considerar que (1) foi dita por um telespectador para uma emissora específica, por meio de um canal de atendimento, podemos interpretar a sentença como sendo uma reclamação: o falante se queixa do fato de os programas de domingo não serem suficientemente interessantes.

Após compreender que contexto e cognição atuam juntamente na expressão linguística e no sentido, é necessário analisar como somos capazes de organizar nossos pensamentos e vivências para produzir discursos nas mais variadas situações. Para tal, é preciso discutir a existência de *frames* e espaços mentais, a qual será detalha nas seções que seguem.

1.2. A Teoria dos Espaços Mentais

Postulada por Fauconnier (1994, 1997) e Fauconnier & Turner (2002), a *Teoria dos Espaços Mentais* busca propor uma análise da linguagem e da organização do conhecimento sob uma perspectiva cognitiva. Segundo Fauconnier (2002, p. 1)

Espaços mentais são vários grupos parciais construídos enquanto pensamos e falamos, para propósitos de entendimento e ação. Eles contêm elementos e são estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Espaços mentais são conectados a conhecimento esquemático de longo prazo, como o *frame* para andar por um caminho, e a conhecimento específico de longo prazo, como a

memória da vez em que você escalou o monte Rainier em 2001. (tradução nossa)¹³

Esses espaços mentais são responsáveis, então, pela estruturação do nosso pensamento e da nossa fala. A partir de experiências vividas e de um contexto sociocultural, os espaços mentais vão sendo criados. É fundamental atentar para o fato de que eles são dinâmicos: ao longo da vida, um falante é capaz de alterar os espaços mentais específicos, ou seja, ligados à sua própria experiência, bem como os esquemáticos, relacionados a uma cultura, à sociedade na qual vive.

Desse modo, o conhecimento adquirido ao longo da vida é organizado por meio de espaços mentais diferentes. O conhecimento esquemático envolve eventos compartilhados pela sociedade, como, por exemplo, a famosa Corrida Internacional de São Silvestre, a qual ocorre no último dia do ano em São Paulo. Esse evento foi idealizado por Casper Líbero, em 1924, após ele ter assistido a uma competição noturna em Paris. Inicialmente, a corrida era disputada em 31 de dezembro, à meia-noite. Nos dias atuais, a competição ocorre a partir do meio-dia, e conta com muitos participantes, aproximadamente 30 mil atletas. Além da grande quantidade de pessoas correndo, há também aqueles que ficam torcendo ao longo do percurso, e uma cobertura televisiva do evento. Tais fatores fazem da Corrida Internacional de São Silvestre algo amplamente compartilhado pela sociedade: seria estranho a véspera do ano-novo sem ela.

Já o conhecimento específico abrange experiências pessoais, memórias, como o Dia das Mães de 2015 para um falante determinado. Todos esses acontecimentos são coordenados por EM e, ao longo do discurso, podem ser ativados e conectados por ferramentas mentais, como os *frames*.

Em outras palavras, as experiências socioculturais são relacionadas por meio de *frames*, os quais se caracterizam como estruturas mentais que enquadram e organizam o

¹³ “Mental spaces are very partial assemblies constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. They containin elements and are structured by frames and cognitive models. Mental spaces are connected to long-term schematic knowledge, such as the frame for walking along a path, and to long-term specific knowledge, such as a memory of you climbed Mount Rainier in 2001.”

nosso *background*, isto é, o conhecimento sociocultural adquirido ao longo da vida. Esses *frames* são ativados na construção do sentido, uma vez que carregam informações extralinguísticas necessárias para a interpretação dos papéis relacionados em um discurso, bem como os conhecimentos específicos e esquemáticos. Segundo Fauconnier; Sweetser (1996, p. 5)

Frames, então, tipicamente incluem funções para participantes, como *noiva* e *noivo* e *bolo*, ou o clássico caso de *cliente* e *garçom* e *menu* em um restaurante (Schank e Abelson 1977), ou *comprador* e *vendedor* e *bens* em um evento comercial. Funções são criadas por framings [enquadramentos] gerais sociais ou físicos da experiência (...). Funções, assim como indivíduos, podem ter propriedades ou atributos.¹⁴

Tal ferramenta cognitiva, portanto, organiza a relação entre papéis e participantes de um discurso. Tomemos como exemplo a seguinte sentença:

Para compreender (2), é necessário discutir o *frame* que organiza os participantes envolvidos na sentença. Primeiramente, há um falante que emite um desejo por meio do verbo *gostar*. Tal desejo é modalizado, pois o tempo verbal escolhido é o futuro do pretérito, o qual, nesse caso, expressa uma consequência de algo que não poderia ocorrer¹⁵. Ademais, para compreender que (2) não trata de uma situação que possivelmente pode acontecer no mundo real, deve haver um entendimento prévio de que vacas dão leite, mas não achocolatado quente.

Logo, ao ativar o *frame* que contém a informação que vacas apenas produzem leite, consegue-se analisar (2) como uma sentença que projeta um desejo em um espaço

¹⁴ "Frames thus typically include **roles** for participants, such as *bride* and *groom* and *cake*, or the now-classic cases of *customer* and *waiter* and *menu* in a restaurant (Schank and Abelson 1977), or *buyer* and *seller* and *goods* in a commercial event. Roles are created by general social or physical framings of experience (...). Roles, like individuals, can have properties or attributes."

¹⁵ Cunha e Cintra (2001, p. 452) apresentam que o futuro do pretérito pode servir como meio de denotar um fato que seria uma consequência certa e imediata de outro evento e que não ocorreu ou não poderia ocorrer.

contrafactual, uma vez que tal desejo não é possível de ser realizado e é contrário à realidade, a qual apresenta somente vacas que possuem a capacidade biológica de gerar leite.

Como aponta Fauconnier (1994, p. xxxix), os *frames* proporcionam os esquemas abstrato-induzidos que dirigem mapeamentos por meio dos espaços mentais¹⁶. É por meio deles que se torna possível relacionar espaços diferentes e interpretar as informações abstratas que vão sendo expressas ao longo dos discursos, como pôde ser visto em (2).

Ademais, é possível verificar que EM são estruturados também por meio de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), os quais organizam o nosso conhecimento. Tais modelos correspondem a categorias conceituais, ou seja, envolvem o *background* adquirido por meio da experiência humana e seu objetivo é esquematizá-lo categoricamente. Tomemos como exemplo o conceito *mãe* analisado por Lakoff (1987, p. 74):

- O modelo de nascimento: A pessoa que dá à luz é a *mãe*. (...)
- O modelo genético: A fêmea que contribui com o material genético é a *mãe*.
- O modelo de criação afetiva: A fêmea adulta que cuida e cria uma criança é a *mãe*.
- O modelo conjugal: A esposa do pai é a *mãe*.
- O modelo genealógico: O ancestral feminino mais próximo é a *mãe*. (tradução nossa)¹⁷

O grupo de modelos citado funciona como um MCI complexo de um único conceito: *mãe*. Ao longo da vida, vamos adquirindo mais conhecimento sociocultural, *background*, e categorizamos os conceitos que sabemos. Essas categorias são responsáveis, então, por ajudar a organizar os ideais apreendidos. No exemplo acima, nota-se que há uma relação de papéis, ou seja, funções, e valores para formar uma categoria conceitual.

Como mais um exemplo de MCI complexo, vale refletirmos sobre o papel *presidente*. Segundo o dicionário online *Aulete*¹⁸, *presidente* pode ser uma pessoa que chefia uma

¹⁶ "The frames provide the abstract-induced schemas that drive mapping across mental spaces."

¹⁷ "- The birth model: The person who gives birth is the mother. (...)

- The genetic model: The female who contributes the genetic material is the mother.

- The nurturance model: The female adult who nurtures and raises a child is the mother of that child.

- The marital model: The wife of the father is the mother.

- The genealogical model: The closest female is the mother. "

¹⁸ Pode-se verificar o significado de presidente em <http://www.aulete.com.br/presidente>. Acesso em fevereiro de 2018.

assembleia ou conselho, ou ainda o chefe do Estado de um país, alguém que preside a um concurso, pessoa que preside, dirige. Todas essas definições encontradas no dicionário representam funções que o papel *presidente* pode assumir. Cabe considerar também que tal cargo assumirá diferentes valores em diversos países e épocas, também sendo dinâmica a relação entre papel e valor. Tal dinamicidade evidencia a interdependência de cognição e contexto sociocultural, uma vez que os modelos cognitivos idealizados vão sendo construídos e alterados de acordo com o *background* de cada falante.

Outro ponto relevante sobre essa teoria é que os espaços mentais não são representações do mundo, mas sim representações de formas de pensar e falar sobre esse mundo. Essa é uma característica que também comprova a dinamicidade desses domínios cognitivos, uma vez que cada falante terá suas próprias representações. Por serem dinâmicos, cada interlocutor será capaz de construir e alterar espaços mentais em seu discurso, bem como compartilhá-los.

A conexão desses espaços pode ocorrer de diversas maneiras¹⁹ e com diferentes propósitos. É possível, por exemplo, acessar o espaço mental que inclui os *frames* Machado de Assis, Capitu, Bentinho, e casamento, para relatar que *Machado de Assis escreveu que Capitu e Bentinho se casaram*, ou ainda para propor uma situação contrafactual, como em *Se Machado de Assis não tivesse escrito que Capitu e Bentinho se casaram, Dom Casmurro seria um livro bem diferente*.

Além disso, construtores de espaços mentais são um meio de ativar e conectar espaços. Tais construtores são expressões linguísticas como sintagmas prepositivos (*Na pintura, em 1929, na minha casa*), sintagmas adverbiais (*realmente, provavelmente*), conectivos (*Se A, então ____*), combinações subjacentes de sujeito-verbo (*Max acredita que, Gostaria que, Gostava que*)²⁰. De acordo com Fauconnier (1994, p. 17), expressões linguísticas

¹⁹ É possível acessar espaços mentais por meio de funções pragmáticas (como relacionar autores e livros: *O Machado de Assis está na segunda prateleira.*), metonímia, metáfora, analogia, conexão entre papéis e valores, relações de identidade entre pares.

²⁰ Cf. Fauconnier (1994, p. 17).

vão tipicamente estabelecer novos espaços, elementos dentro desses espaços, e relações entre tais elementos²¹.

Cognitivamente, então, para que haja conexões entre elementos de espaços mentais diferentes, é necessário haver uma relação de gatilho (*trigger*) e alvo (*target*), ou seja, um elemento **a** que busca atingir **b**. Tal relação pode ser definida como Princípio de Identidade (FAUCONNIER, 2002, p. 4):

Se dois elementos **a** e **b** estão conectados por um conector **F** ($b = F(a)$), então o elemento **b** pode ser identificado por nomeação, descrição, ou apontamento, pelo seu equivalente **a**. (tradução nossa)²²

Isto é, uma expressão que nomeia e descreve um elemento em um determinado espaço mental pode ser usada para a contraparte desse elemento em outro espaço. Esse princípio fica claro ao analisar a sentença inventada (3):

(3) No quadro, o homem loiro tem cabelos ruivos.

Pode-se analisar (3) identificando o espaço base²³ em um primeiro momento. Se a base é o que envolve a comunicação imediata, isto é, a realidade, ela também abrange o falante e seu interlocutor. Portanto, [*o homem loiro*] é o espaço base.

A expressão [*No quadro*] funciona como um construtor de espaço mental, pois evoca uma gravura sobre a qual será feita alguma declaração. Tem-se, pois, que [*No quadro*] é um construtor de espaço de imagem²⁴.

Por fim, [*tem cabelos ruivos*] é o segmento processado como um espaço de representação, uma vez que indica como o espaço base [*homem loiro*] está representado na imagem [*No quadro*].

²¹ "Linguistic expressions will typically establish new spaces, elements within them, and relations holding between the elements."

²² "If two elements **a** and **b** are linked by a conector **F** ($b = F(a)$), then element **b** can be identified by naming, describing, or pointing to, its counterpart **a**."

²³ O espaço base também é chamado de espaço de referência, o qual envolve a realidade do falante no momento da produção de uma sentença.

²⁴ Também pode-se encontrar a denominação espaço de representação, já que a imagem é uma forma de representar algo.

Ao verificar a conexão desses espaços, é possível perceber que o sentido de (3) é aceitável, já que espaços mentais distintos são acionados para compor o significado. Não se trata, portanto, de um único homem que tem cabelos loiros e ruivos ao mesmo tempo, mas sim de um homem loiro existente no mundo que foi representado em um quadro como sendo ruivo:

Figura 1: EM de (3)

A sentença (3) demonstrou de modo simples como os espaços mentais são construídos ao longo do ato comunicativo. Notou-se também que eles são domínios conceptuais responsáveis pela significação, e que há uma relação de identidade entre *homem loiro* e *homem ruivo*, a qual está baseada no Princípio de Identidade²⁵.

É imprescindível discutir como os espaços mentais permitem o acesso a informações disponíveis no contexto comunicativo. Para tal, vale retomar o chamado enigma de KRIPKE (1979, citado por FAUCONNIER, 1994, pp. 156-157): Pierre é um francês que ao longo da vida ouviu pessoas falando sobre uma cidade chamada Londres, e passou a acreditar que *Londres*

²⁵ Tal princípio também pode ser chamado de Princípio do Acesso, pois trata justamente de como termos podem ser acessados ao longo do desenrolar comunicativo em diferentes espaços mentais.

é linda. Mais tarde, Pierre viveu na Inglaterra e, falando Inglês, formou a crença de que *London é feia*. A questão que se coloca é: como saber se (4) é verdadeira ou falsa?

(4) Pierre acredita que London é linda.

Para Kripke, seria impossível discutir as condições de verdade de (4), uma vez que não há mundos possíveis em que London não seja Londres. No entanto, sob o prisma cognitivista, há espaços mentais diferentes sendo acionados: um espaço base B, sendo a realidade do falante, em que um elemento *a* é nomeado como Londres ou London, e um espaço de crença M, construído por *Pierre acredita que*, no qual *b* e *c* são chamados, respectivamente, London e Londres. As relações '*b é linda*' e '*c é feia*' estão sendo ativadas em M:

Figura 2: EM de (4)

Na Figura 2, *a* possui duas contrapartes no espaço M, de tal modo que o Princípio de Identidade pode ser aplicado de *a* para *b* (a cidade que Pierre conhece como London é linda), e de *a* para *c* (a cidade que Pierre conhece como Londres é linda), representando a ativação de EM para pessoas que sabem que London é Londres. Não se trata de discutir o que é verdadeiro ou falso, mas sim do que o enunciador sabe e o do que Pierre sabe. O enunciador sabe que London é Londres, e ao dizer (4), anuncia um conjunto de crenças de Pierre que levariam esse a perceber que London é feia. Aqui temos um autoengano de Pierre, que ele pode resolver facilmente, ou até mesmo seu interlocutor pode ajudá-lo a esclarecer que London e Londres são nomes diferentes para a mesma cidade. Logo, ao viver em Londres e conhecer de fato o lugar, Pierre percebeu que essa localidade é feia. Portanto, a ambiguidade de (4) decorre de fatores contextuais, que podem ser acessados por espaços mentais, o que possibilita a construção do sentido.

Sendo assim, a teoria dos espaços mentais evidencia “a questão da flexibilidade do processamento cognitivo, que importa com domínio conceptual inclusive informações só disponíveis como contexto” (MIRANDA, 2005, p. 178). Tal flexibilidade é uma característica muito positiva, pois acaba resolvendo questões que, em outras linhas teóricas, podem parecer extremamente complicadas e sem solução.

Lakoff (1987, pp. 281-282) retoma as propriedades básicas dos espaços mentais:

- Espaços podem conter entidades mentais.
- Espaços podem ser estruturados por modelos cognitivos.
- Espaços podem estar relacionados com outros espaços pelo que Fauconnier chama de “conectores”.
- Uma entidade em um espaço pode estar relacionada por entidades em outro espaço por conectores.
- Espaços são extensíveis, nessas entidades adicionais os MCIs (Modelos Cognitivos Idealizados) podem ser adicionados durante o processamento cognitivo.
- MCIs podem introduzir espaços. Por exemplo, um MCI de contar histórias pode introduzir o espaço mental de história. (tradução nossa)²⁶

As características destacadas anteriormente resumem de modo breve o funcionamento dos EM: esses são organizações mentais que permitem a produção linguística, bem como o processamento e armazenamento de conceitos, como o nosso *background* sociocultural. Também se nota a ativação de EM distintos ao longo do discurso, que são relacionados por meio de conectores com a função gatilho-alvo²⁷.

Ainda sobre a teoria dos espaços mentais, cabe lembrar que esses espaços são domínios conceptuais que relacionam diferentes informações, fornecendo recursos variados para o estabelecimento da referência, para a conexão entre espaço de realidade e espaço de representação. É por meio da associação entre esses espaços que somos capazes de perceber

²⁶ “- Spaces may contain mental entities.

- Spaces may be structured by cognitive models.

- Spaces may be related to entities in other spaces by what Fauconnier calls ‘connectors’.

- An entity in one space may be related to entities in other spaces by connectors.

- Spaces are extendable, in that additional entities and ICMs may be added to them in the course of cognitive processing.

- ICMs may introduce spaces. For example, a storytelling ICM introduces the mental space of the story.”

²⁷ A relação de gatilho e alvo foi explicada anteriormente: vale ressaltar que ela sintetiza o Princípio de Identidade.

o mundo ao nosso redor, bem como organizar o nosso discurso: conseguimos projetar relações temporais entre eventos, ou transmitir informações sobre o contexto da enunciação, sobre a cultura em que vivemos.

Outrossim, os EM vão sendo construídos concomitantemente ao desenrolar da comunicação, isto é, ao longo da produção linguística, seja ela em forma de texto escrito ou oral. Ao nos comunicarmos, estamos a todo momento ativando e conectando espaços mentais diferentes, assim como conhecimento socialmente adquirido e compartilhado, além de conhecimento específico, relacionado à experiência individual. Tomemos como exemplo a sentença a seguir:

(5)

Em (5), nota-se que os conhecimentos social e específico são ativados: há um compartilhamento dessa festividade, que ocorre em julho, em Portugal, evento conhecido pela sociedade portuguesa, sendo uma tradição cultural. Também se percebe que, provavelmente, por haver a expressão de um desejo evidenciado na escolha do verbo *gostar*, o falante possui memórias positivas em relação a tal festividade, ou seja, um conhecimento específico, já que anseia experienciar novamente a data comemorativa.

Ademais, sob um ponto de vista semântico, existem vários tipos de espaços, dentre os quais podem-se citar: geográfico, temporal, condicional, contrafactual, de crença, de possibilidade, de representação, de domínios de atividades (FERRARI, 2014, pp. 111-112) e de futuro²⁸. Cada um deles relaciona diversos conteúdos por meio dos construtores de espaços mentais, que são indicadores linguísticos como sintagmas preposicionais, morfemas modo-temporais e orações temporais e condicionais. As sentenças a seguir ilustram a variedade semântica dos EM:

(6) **Na Índia**, as vacas são animais sagrados. (espaço geográfico)

²⁸ O espaço mental de futuro, no inglês, pode ser identificado com o uso do verbo auxiliar *will*, por exemplo.

- (7) **Quando o inverno chegar**, eles viajarão. (espaço temporal)
- (8) **Caso o time perca o jogo**, vai ser rebaixado (espaço condicional)
- (9) **Gostaria que chovesse dinheiro no meu quintal**. (espaço contrafactual)
- (10) Ele **acredita** que sua mãe foi ao mercado. (espaço de crença)
- (11) **Talvez** Romeu esteja apaixonado pela Julieta. (espaço de possibilidade)
- (12) **Naquele filme**, o rei é um tirano. (espaço de representação)
- (13) **No futebol americano**, há jogadores que apenas defendem. (espaços de domínios de atividade)
- (14) **Vou** sair mais tarde do trabalho. (espaço de futuro)

Cabe nessa dissertação dar um enfoque à relação de contrafactualidade que pode ser estabelecida de modo linguístico-cognitivo no português. Nas sentenças abaixo, nota-se que os diferentes espaços contrafactuais do PB e PE resultam em construções sintáticas distintas (o espaço é contrafactual, pois o fato é que a pessoa não está no mesmo lugar que o falante):

- (15)

- (16)

Antes de propor uma análise para (15) e (16), vale lembrar que, segundo o prisma funcional-cognitivo, "a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso."²⁹, ou seja, o pensamento humano consegue compreender e organizar conceitos por

²⁹ CUNHA, Maria Angélica Furtado da; Mariangela Rios de Oliveira e Mário Eduardo Martelotta (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 23.

meio de redes associativas: os espaços mentais. Além disso, a sintaxe depende dessa associação para funcionar, logo, mecanismos semânticos no português como aspecto, por exemplo, contribuem para a formação de sentenças.

A diferença principal entre (15) e (16) são as ferramentas linguísticas utilizadas para ativar o espaço contrafactual:

Figura 3: EM de (15)

Figura 4: EM de (16)

As figuras 3 e 4 ilustram como os EM das sentenças (15) e (16) são ativados e estão conectados. As expressões linguísticas *Gostaria que*, *estivesse*, *Gostava que* e *estivesse* acabam funcionando como construtoras de espaços mentais, ou seja, elas acionam os EM. Ademais, o tempo verbal escolhido é uma ferramenta gramatical importante para a estruturação de tais domínios mentais, como será discutido de modo aprofundado no capítulo 3.

Como visto tanto em (15), quanto em (16), os mecanismos semânticos influenciam diretamente a sintaxe, isto é, os espaços mentais configurados de modo sociocognitivo agem na estruturação das sentenças, ativando elementos sintáticos e semânticos diferentes para a transmissão de um conteúdo específico. Cunha *et alii* (2003, pp. 23-24) explica que

(...) a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída.

Logo, fica clara a importância de se pensar a gramática como uma rede: morfologia, sintaxe, semântica e pragmática estão interligadas não apenas para que a produção linguística seja possível, mas também para que o sentido dos enunciados seja interpretado. Cognição e contexto sociocultural atuam juntos, tanto na organização do nosso pensamento, quanto na escolha gramatical para a formulação do discurso. Além disso, é com o uso da língua que a gramática vai sendo construída: formas linguísticas mais prototípicas se tornam evidentes, isto é, são mais usadas, e direcionam o funcionamento de tal gramática. As sentenças (15) e (16) ilustram as escolhas morfossintáticas feitas pelos falantes brasileiros e portugueses para a construção de seus enunciados, sendo que a variação apresentada traz pistas de contextos sociais distintos.

Uma análise mais aprofundada sobre a variação em foco, bem como os espaços mentais construídos ao longo do *corpus*, será apresentada no capítulo 3. Por ora, cabe ainda discutir a importância da modalidade para o presente trabalho, uma vez que houve ocorrências de pedidos modalizados feitos pelos interlocutores em suas postagens no *Twitter*. A seção seguinte abordará esse assunto.

1.3. O conceito de modalidade

A modalidade é o modo que o falante encontra para deixar marcas no enunciado, as quais envolvem o julgamento do indivíduo sobre as condições de verdade de algum fato, assim como noções de possibilidade sobre o que está sendo expresso ao longo da enunciação. De acordo com van Leeuwen (2005, p. 160),

Modalidade é a abordagem semiótica social à questão da verdade. Ela relaciona-se tanto com problemas de representação – fato versus ficção, realidade versus fantasia, real versus artificial, autêntico versus falso – como questões da interação social, porque o questionamento da verdade é também um assunto social – o que é considerado verdadeiro em um

contexto social não é necessariamente considerado verdadeiro em outros (...). (tradução nossa)³⁰

Logo, estão em jogo as visões dos falantes sobre o que é verdade ou não, fato que justifica a importância da modalidade para o estabelecimento da interação social, afinal, pontos de vista diferentes sobre um mesmo fato podem ser discutidos durante o ato comunicativo, havendo, por exemplo, um embate entre os interlocutores. Analisemos a sentença (17) a seguir:

Em (17), há uma opinião sendo expressa por um falante: considera-se verdade que as arbitragens não são imparciais, o que seria um problema para os jogos, pois poderia haver injustiças ao privilegiar alguma equipe em detrimento de outra. Pensando no gerenciamento da interação, ao postar (17), o falante abre espaço para a discussão de opiniões diferentes: é completamente possível que outro usuário do *Twitter* responda a esse *post*, discordando da afirmação feita e expressando o que considera verdadeiro sobre tal assunto.

A possibilidade de representar diversas realidades e pontos de vista é uma forma de controle social, sendo que tal representação, segundo Hodge e Kress (1988, p. 147) “é aceita como a base para julgamento e para ação... Qualquer pessoa que controla a modalidade pode controlar qual versão da realidade será selecionada como a versão válida naquele processo semiótico (tradução nossa)”³¹.

Modalizar é, então, uma ferramenta linguístico-cognitiva que permite também a interação entre as pessoas, pois ela torna possível, por exemplo, a expressão de deveres, obrigações e necessidades, estabelecendo uma relação entre quem dá ordens e quem as

³⁰ “‘Modality’ is the social semiotic approach to the question of truth. It relates both to issues of representation – fact versus fiction, reality versus fantasy, real versus artificial, authentic versus fake – and to questions of social interaction, because the question of truth is also a social question – what is regarded as true in one social context is not necessarily regarded as true in others (...)”.

³¹ “Social control rests on control over the representation of reality which is accepted as the basis for judgement and action... Whoever controls modality can control which version of reality will be selected out as the valid version in that semiotic process.”

recebe, quem faz um pedido e quem pode realizá-lo, ou seja, a modalidade permite que os interlocutores assumam diferentes papéis no desenrolar comunicativo.

Como bem aponta Neves (2016, p. 152)

De um lado, pode-se dizer que, se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existem enunciados não modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca.

É, portanto, fundamental entendermos os tipos de modalidade existentes e como eles podem ser expressos, ou seja, quais formas linguísticas acabam dando pistas de que o falante optou por modalizar o seu enunciado. Vale ressaltar também que há graus de modalização, variando de uma modalidade mais fracamente expressa até uma fortemente expressa.

Além de a modalização gerenciar a relação entre falantes, as redes sociais, como o *Twitter*, possuem também uma importante função. Segundo Fonseca *et al.* (2016, p. 12),

São as diferentes relações sociais entre os indivíduos em redes sociais na internet que estabelecem os fluxos de informação que circulam na rede. As relações podem se dar entre laços mais fracos, ou seja, em que há pouca intimidade e proximidade, e entre laços mais fortes, ou seja, em que há um maior grau de intimidade e proximidade entre os interagentes. Nesse contexto, é notável o papel desempenhado pelos laços fracos para o espalhamento de uma informação, na medida em que eles permitem que uma determinada informação atinja mais pessoas. São esses laços os responsáveis por manter a rede interconectada e fazer com que a informação atinja pontos cada vez mais distantes na rede.

Dito de outro modo, as redes sociais possuem a facilidade de veicular uma ampla gama de informações, possibilitando que as relações entre falantes ocorram, seja em maior ou menor grau.

Ao revisar a literatura sobre modalidade, encontra-se um consenso: em diversas linhas teóricas, seja uma corrente mais ligada à lógica, seja uma vertente linguística,

[...] há, de fato, dois grandes ‘tipos’ de modalidade, as epistêmicas (relacionadas ao conhecimento) e as não epistêmicas, ou de raiz

(relacionadas às ações), estas subdivididas em deôntica (que envolve permissão e obrigação) e dinâmica (tipo subclassificado em volição e habilidade, ou capacidade). (NEVES, 2016, p. 161)

Evidencia-se, então, que estudos anteriores já apontaram a distinção entre epistêmico e não-epistêmico. “ ‘Necessidade’ e ‘possibilidade’ são as noções que se colocam tradicionalmente na base da subtipologização das modalidades”³². De modo geral, a modalidade epistêmica está relacionada ao conhecimento e a crenças do falante sobre o mundo, o que esse acredita ser necessário ou possível, como vemos em (18) e (19):

(18) Rafael deve viajar amanhã.

(19) Rafael pode viajar amanhã.

Em (18), o falante acredita ser necessário que Rafael viaje amanhã, ou sabe dessa necessidade, resultando em uma leitura epistêmica dessa sentença: *Rafael **precisa** viajar amanhã*. Em (19), está expressa a possibilidade de que Rafael viaje amanhã: o falante pode não saber ao certo se a viagem acontecerá, mas acredita ser possível tal evento, e comunica essa probabilidade por meio da modalização epistêmica: *É **possível** que Rafael viaje amanhã*. Nota-se, então, que o conhecimento epistêmico abrange noções de necessidade e possibilidade.

A modalidade deôntica, por sua vez, envolve as noções de obrigação e permissão, não mais ativando o conhecimento do falante sobre o mundo, mas sim sobre as condutas socioculturais que podem ser impostas em diversas situações ao longo da vida. Tomemos como exemplo novamente as sentenças (18) e (19):

(18) Rafael deve viajar amanhã.

(19) Rafael pode viajar amanhã.

Sob uma leitura deôntica, a interpretação de (18) e (19) é diferente da que foi proposta anteriormente. Ao considerarmos que a modalidade deôntica expressa condutas sociais, é possível propor que, em (18), Rafael tem a obrigação de viajar, ou seja, existe um interlocutor

³² NEVES, Maria Helena de Moura. Imprimir marcas no enunciado. IN: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 159.

que o obriga a realizar tal ação, impondo uma força sobre ele: *Rafael está **obrigado** a viajar amanhã*. No caso de (19), Rafael tem a permissão para concretizar a viagem, isto é, alguém pode suspender a barreira e permitir que ele viaje: *Rafael está **permitido** a viajar amanhã*.

É imprescindível acrescentar que as leituras possíveis de (18) e (19) não se devem apenas ao uso dos verbos modais *dever* e *poder*, mas também ao contexto comunicativo. Saber a relação entre os interlocutores, quem produziu as sentenças e em qual situação, são alguns exemplos de informações contextuais necessárias à interpretação do sentido.

O terceiro tipo de modalização discutido por Neves (2016) é a dinâmica. Tal subclassificação está relacionada à volição (desejos e vontades dos falantes), e à habilidade (capacidades que os falantes possuem para realizar algo). Para ilustrar esse tipo de modalidade, analisemos (20) e (21):

(20)

(21) Ele pode falar francês.

Em (20)³³, o falante expressa um desejo modalizado por meio do uso do verbo *gostar* e do futuro do pretérito. Há, portanto, o uso da modalidade volitiva, uma vez que a vontade do interlocutor está sendo comunicada: ele **quer** que pai, mãe e avós sejam eternos.

Em (21), o verbo *poder* acaba trazendo a ideia de que o sujeito sabe falar francês, ou seja, tem a capacidade de se comunicar nessa língua. Há, assim como em (20), a expressão da modalidade dinâmica, só que com foco para a habilidade que o falante possui.

Outro ponto válido de ser destacado é que a expressão da modalidade ocorre nas línguas por meio de diversos recursos linguísticos, os quais acabam gerando uma gradação. Sobre o *continuum* de modalização, Miranda (2005, p. 190) explica que

³³ Nesta seção não cabe analisarmos os espaços mentais ativados. A sentença (20) tem por finalidade, aqui, somente ilustrar a modalização em uso.

É nos termos de uma **categorização por protótipos** que propomos delinear o sistema modal em Português: as formas linguísticas que instanciam a modalidade apresentam diferentes graus de saliência, sendo alguns membros mais centrais e outros mais periféricos. A flexibilidade característica da noção de protótipo traz a vantagem de permitir acomodar novas categorias ainda desconhecidas, mas que, como membros periféricos, podem vir a se associar a uma categoria prototípica, sem provocar uma reestruturação fundamental no sistema categorial e assegurando alguma estabilidade (grifos da autora).

A noção de prototipia se mostra bastante interessante ao nosso trabalho, uma vez que lida com aspectos relacionados ao uso linguístico, ao que falantes consideram mais frequente e usual. Pensar em modalidade, além de considerar valores como mais ou menos saliente, também abrange analisar casos mais prototípicos do que outros, já que o foco do estudo cognitivo é a língua em uso, no cotidiano dos interlocutores.

Ao longo da formação do *corpus*, mostrou-se exclusivo o uso de *gostaria que* para falantes brasileiros, pois os *tweets* com tal forma verbal foram compartilhados por perfis de habitantes do Brasil. Em contrapartida, a escolha de *gostava que* foi recorrente nas publicações de falantes portugueses.

Além do que foi encontrado no *corpus*, há também outras expressões linguísticas prototípicas para codificar a modalidade, como os verbos modais *poder*, *dever*, *ter*, *dar* e *querer*. Tais verbos estão gramaticalizados, isto é, cristalizados como uma ferramenta da língua tipicamente usada para a modalização. É importante perceber que nesses protótipos há também um *continuum*: *poder* e *dever*, por exemplo, são mais salientes na língua portuguesa do que *querer* e *gostar*.

Outrossim, ocorre a utilização de recursos prosódicos, como alongamentos vocálicos, modos e tempos verbais, verbos como *achar*, *acreditar*, adjetivos (*é provável que*, *é claro que*, *é impossível que*), advérbios (*talvez*, *possivelmente*, *obviamente*, *necessariamente*), sintagmas preposicionais (*na verdade*, *de fato*)³⁴, substantivos³⁵ (Tenho a *impressão*, esta é a minha *opinião*) e por categorias gramaticais (aspecto, tempo, modo).

³⁴ Cf. Miranda (2005, p. 191).

³⁵ Cf. Neves (2016, p. 168).

Pelo fato de traços gramaticais também expressarem a modalização, caberá nessa dissertação discutir como os usos do pretérito imperfeito e futuro do pretérito podem, por exemplo, modalizar um pedido. Analisemos as sentenças (22) e (23) a seguir:

(22)

(23)

Em (22), o uso do futuro do pretérito agrega um valor modal, além de atribuir à situação um tipo de realização abstrata, pois ainda não ocorreu de fato (TRAVAGLIA, 1985, p. 70). Ademais, o desejo do falante resulta em um pedido: ele pede que duas pessoas parem de brigar, para fazerem as pazes. Há, portanto, uma “forma polida de solicitação direta ou indireta (esta pela expressão de desejo)”³⁶.

Na sentença (23), o uso de *por favor* combinado com a caixa alta reforça ainda mais que se trata de um pedido: o falante pede pelo fim da guerra, e enfatiza essa solicitação graficamente com a sequência de letras maiúsculas. O pretérito imperfeito é um tempo verbal que também modaliza tal pedido, já que, por meio da expressão de uma vontade, o falante faz um requerimento.

Para compreender o pedido, bem como outros tipos de sentença, Jespersen (1924, p. 302) explica que se deve dividir os enunciados em duas classes principais

[...] dependendo se o falante não quer ou quer exercer uma influência na vontade do ouvinte diretamente através de seu enunciado. [...] Na segunda classe, o objetivo é influenciar a vontade do ouvinte; isto é, fazê-lo fazer algo. Aqui nós temos duas subclasses, pedidos e questões. Os pedidos compreendem muitas sentenças de diferentes formas, imperativos, expressões sem verbo (“Outra garrafa”; “Dois terços de Brighton” [...]),

³⁶ TRAVAGLIA, L. C. O uso do futuro do pretérito no português falado. IN: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. pp. 677.

questões formais (“Você vai arrumar de uma só vez?”) e afirmações formais (“Você vai arrumar de uma só vez”) se a situação e o tom se mostrarem equivalentes a comandos, etc. Pedidos podem variar de comandos brutos através de muitos passos intermediários (demandas, injunções, implorações, convites) à solicitação mais modesta e humilde (petição, súplica). (tradução nossa)³⁷

Aponta-se aqui que o modo de expressar linguisticamente um pedido pode variar bastante, até mesmo ser produzido sem formas verbais. As sentenças (22) e (23) evidenciam uma modalização possível na língua portuguesa de se comunicar um requerimento por meio da expressão de um desejo, a qual está concentrada na escolha lexical do verbo *gostar*.

Cabe destacar também que a variação entre os tempos verbais pretérito imperfeito e futuro do pretérito evidencia contextos socioculturais distintos que influenciam a produção linguística: no PB, é mais comum o uso do futuro, e no PE nota-se a recorrência do imperfeito em construções com o verbo *gostar*. A diversidade da modalização será discutida com maior aprofundamento no capítulo 3. Por ora, bastou apresentar que há, de fato, uma modalidade sendo expressa em (22) e (23), a qual resulta na produção de um pedido.

Ainda explorando a modalidade, mostra-se de suma importância discutir a presença de textos multimodais, pois há várias ocorrências de *emoticons* e *emojis* nos *tweets* analisados, ferramentas essas que contribuem fortemente para a produção do sentido. A seção 1.4 apresentará o conceito de multimodalidade.

³⁷ “(...) according as the speaker does not or does want to exert an influence on the will of the hearer directly through his utterance. (...). In the second class the aim of the utterance is to influence the will of the hearer; that is, to make him do something. Here we have two subclasses, requests and questions. Requests comprise many utterances of different forms, imperatives, verbless expressions (“Another bottle”; “Two third Brighton” (...)), formal questions (“Will you pack at once?”) and formal “statements” (“You will pack at once”) if the situation and the tone shows them to be equivalent to commands, etc. Requests may range from brutal commands through many intermediate steps (demands, injunctions, implorations, invitations) to the most modest and humble prayer (entreaty, supplication).”

1.4. Textos Multimodais

Refletir sobre multimodalidade é considerar a existência de vários mecanismos semióticos, além da linguagem verbal, para a produção do sentido. Tal recorte teórico busca verificar não só as ferramentas utilizadas pelos falantes, mas também os valores socioculturais que podem propiciar o uso de determinado recurso semiótico. Segundo Carvalho (2010, p. 2),

A Semiótica Social concebe os textos a partir de uma perspectiva multimodal, que contempla a análise dos diferentes recursos semióticos através dos quais a linguagem é realizada. Nesses termos, os estudos em multimodalidade visam analisar os principais modos de representação em função dos quais um determinado texto é produzido e realizado. Dessa maneira, **busca-se abordar as particularidades de cada modo semiótico, as regularidades de suas combinações, e os seus valores em cada cultura e/ou contexto social específico** (grifos nossos).

Fica claro, então, que trabalhar com textos multimodais envolve discutir, como já foi mencionado, a interface entre cognição, linguagem e sociedade: a cognição e o contexto sociocultural são necessários para que se entenda o sentido, bem como os meios utilizados pelos interlocutores para produzir seus textos.

Pensando nas redes sociais, é possível perceber que há diversos mecanismos semióticos disponíveis, como *emojis*, *gifs*, *hashtags*, entre outros. Essas ferramentas são evidências da produção de textos multimodais, pois o uso desses recursos acaba influenciando, e muito, a significação dos discursos veiculados na *internet*. Dito de outro modo, o sentido não está restrito à linguagem verbal, mas depende da inter-relação³⁸ entre texto escrito e linguagem não verbal.

Para compreender a inter-relação entre os tipos de linguagem, vale comentar como os itens imagéticos se mostram presentes na atualidade. Moro (2016, p. 53), explica que

Os pictogramas são elementos visuais que, na contemporaneidade, compõem um sistema de sinalização e comunicação. Sua natureza figurativa e lúdica tem a capacidade de comunicar mensagens complexas. (...) Também está presente em situações do cotidiano, como sinalizações viárias, sistemas de identificações visuais, logomarcas, embalagens, etiquetas de roupas, mapas, guias turísticos, animações, navegação em computadores e

³⁸ Kress e van Leeuwen (1996) afirmam que cartazes publicitários, jornais, livros, revistas e, principalmente, *webpages*, abrangem uma complexa inter-relação entre o texto escrito, imagens e elementos gráficos.

aparelhos celulares. Quando olhados por um ponto de vista sociocultural, podem estar correlacionados a diversos elementos presentes não só no dia a dia, mas também na história. Pinturas rupestres, símbolos e brasões de famílias antigas, por exemplo, são imagens representativas que, de alguma forma, visam a transmitir informação.

Em outras palavras, os pictogramas não são uma novidade, mas sim um recurso usado historicamente para a comunicação. No contexto atual, há vários pictogramas utilizados com a finalidade tanto de expressão, como os *emojis* vistos nas redes sociais, quanto de sinalização, como placas de trânsito, por exemplo.

Uma vez que a relação entre linguagem verbal e não verbal está sujeita a contexto histórico e sociocultural, é possível verificar que, ao longo do tempo, pictogramas que antes eram muito icônicos podem tornar-se obsoletos. Um exemplo claro dessa perda de significado é a imagem do disquete³⁹ presente em *softwares* como o *Word*. O ícone do disquete representa a função de salvar arquivos. Contudo, atualmente, o objeto disquete caiu em desuso, sendo substituído por armazenamento *online*, como o aplicativo do *Google Drive*, por exemplo. Logo, para um indivíduo que nasceu após a extinção do disquete, mostra-se difícil compreender o símbolo que representa a função de salvar. Tal fato evidencia, portanto, como o contexto sociocultural acaba favorecendo o uso de certos pictogramas enquanto desfavorece outros.

Levando a discussão para o âmbito das redes sociais, principalmente o *Twitter*, nota-se que os *emoticons* e *emojis* são pictogramas frequentemente utilizados pelos interlocutores. É importante destacar, então, a diferença entre *emoticon* e *emoji*. Os *emoticons* podem ser definidos pelo uso de caracteres tipográficos que buscam expressar o estado emotivo e psicológico do interlocutor. A combinação dos caracteres acaba representando expressões faciais. Os *emoticons* surgiram, inicialmente, em 1982, para diferenciar *e-mails* acadêmicos sérios dos que continham piadas. A ideia foi do professor Scott Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon (Pittsburgh, EUA). Com o compartilhamento dessa idealização, rapidamente os *emoticons* passaram a ser usados pela população em geral. A Figura 5 ilustra claramente o

³⁹ Cf. Moro (2016, p. 57).

uso de um *emoticon*⁴⁰ no *tweet*, identificado na sequência dos dois pontos (:) seguidos pela barra (|):

Figura 5: O uso de *emoticons*.

Na Figura 5, o *emoticon* representa uma expressão facial triste, a qual revelaria o estado do interlocutor: provavelmente ele está triste, pois uma pessoa parou de frequentar a igreja. Também é possível propor que o interlocutor sente saudade, uma vez que expressa um desejo de que a pessoa volte a estar presente na igreja. O ponto central é notar a importância do *emoticon*: se essa ferramenta não estivesse no *tweet*, o sentido da sentença poderia variar bastante. Haveria a interpretação de um desejo do falante, mas seria muito difícil tecer hipóteses sobre o estado emocional: não existiriam evidências para supor que o interlocutor sente saudade, ou está triste, chateado, aborrecido.

Quanto ao *emoji*, esse recurso pode ser caracterizado como a representação imagética do *emoticon*, isto é, ao invés da presença de itens tipográficos, há imagens expressando as mesmas ideias dos *emoticons*. O *emoji*⁴¹ foi criado por Shigetaka Kurita, em 1995, o qual teve a ideia de adicioná-lo aos *paggers* da companhia onde trabalhava, a NTT DoComo, para chamar a atenção do público adolescente. Um fato interessante é que “um conjunto levou ao outro. Não necessariamente só *emojis* são utilizados em vez de *emoticons*. As duas formas ainda estão presentes, mas uma advém da outra, (...) sem o *emoticon*, o *emoji* provavelmente não existiria da forma que é”⁴². Na Figura 6 a seguir, nota-se dois *emojis* diferentes sendo usados no *tweet*:

⁴⁰ O *emoticon* é a junção das palavras em inglês *emotion* e *icon*. Tal recurso é usado para expressar a intenção em um formato gráfico inserido dentro de um texto escrito. (cf. MORO, 2016, p. 60).

⁴¹ O *emoji* é a junção dos termos em japonês *e* (que significa “imagem”) + *moji* (que quer dizer “letra”). (op. Cit.)

⁴² MORO (2016, p. 63).

Figura 6: O uso de *emojis*.

Na Figura 6, a interlocutora optou pelo uso de *emojis* para reforçar como ela se sente. As representações imagéticas apontam para um estado de cansaço, desânimo, indicando que ela, provavelmente, não consegue chamar a atenção de alguém por quem se interessa. Novamente, é importante perceber que a ausência dos *emojis* complicaria a interpretação do sentido: sem tais recursos, seria possível propor que a falante estaria animada ao tentar conquistar uma pessoa, ou confiante ao compartilhar uma indireta, etc. A gama de possibilidades de sentido aumentaria consideravelmente, dificultando o entendimento da sentença.

Ao analisar textos multimodais, então, torna-se imprescindível verificar como as imagens contribuem para a formação do sentido juntamente com a linguagem verbal. Em vários *posts* do *Twitter* que foram selecionados para o *corpus* deste trabalho, identificou-se o uso de *emojis* e *emoticons* como ferramenta essencial na produção do significado, uma vez que esses reforçam sentimentos sendo expressos nos *tweets* pelo fato de representarem visualmente expressões faciais e outros símbolos relacionados a sentimentos, fenômenos da natureza.

Tomemos como exemplo as figuras 7 e 8:

Figura 7: Uso de *emojis* no *tweet*.

Figura 8: Uso de *emojis* no *tweet*.

Em ambas as figuras, nota-se que os falantes escolheram utilizar *emojis* ao postarem na rede social. Essa escolha se torna relevante a partir do momento que influencia, e muito, a construção do sentido. Na Figura 7, há três *emojis* que reforçam a animação do interlocutor quanto às Sebastianas. Além disso, o *emoji* com a piscadela pode reforçar um convite implícito que está expresso: o interlocutor deseja que alguém o acompanhe nessa festividade.

A Figura 8, por sua vez, apresenta um *emoji* triste, que pode significar a tristeza sentida pela falante no momento da postagem. É possível tecer hipóteses sobre a causa desse sentimento, como a perda da mãe, por exemplo. Contudo, para saber exatamente o que ocorreu, seria necessário possuir um grau de proximidade com a interlocutora, ou então analisar outros *tweets* que tenham sido postados por ela.

Verifica-se, portanto, que a presença dos *emojis* configura uma modalização. De acordo com Van Leeuwen (2005, p. 168), “Na *modalidade tecnológica*, a verdade visual baseia-se na utilidade prática da imagem. Quanto mais uma imagem pode ser usada como modelo ou ajuda para uma ação, maior será sua modalidade (grifos do autor) (tradução nossa)”⁴³. Logo, a linguagem não verbal configura uma ferramenta essencial de modalização, uma vez que possibilita a expressão da realidade.

Além dos *emojis*, que são bastante recorrentes, é possível verificar também a presença dos *emoticons* para representar expressões faciais e produzir sentido. A Figura 9 ilustra esse uso:

⁴³ “In *technological modality*, visual truth is based on the practical usefulness of the image. The more an image can be used as a blueprint or aid for action, the higher its modality.”

Figura 9: O uso *emociton*.

Na Figura 9, o uso da letra *c* minúscula e dos dois pontos (:) acaba representando uma expressão facial triste, a qual significaria o estado emocional da falante ao postar seu *tweet*: provavelmente, ela não está feliz com a situação atual entre ela e outro interlocutor. Mais uma vez, mostra-se muito importante dar atenção à multimodalidade na produção do sentido.

Depois de ter sido apresentada a relevância dos textos multimodais, serão discutidas no capítulo seguinte a formação do *corpus* e a metodologia de análise.

2. CORPUS E METODOLOGIA DE ANÁLISE

Neste capítulo, será apresentado como foi feita a escolha do *corpus*, qual a sua relevância para a pesquisa e quais são as características básicas da rede social *Twitter*. Será relevante acrescentar como fala e escrita estão relacionadas nos *tweets* compartilhados nesse meio virtual. Também discutiremos a metodologia utilizada para tornar possível a análise dos dados.

2.1. A escolha do *corpus*

Pelo fato de a pesquisa estar fundamentada em uma teoria cognitivista da linguagem, o *corpus* que foi selecionado deveria refletir o uso linguístico, isto é, como os falantes usam a língua. Por isso, a escolha do *Twitter* foi pertinente ao trabalho: por ser uma rede social, já é pressuposto um contexto informal, corriqueiro, no qual ficam evidentes as construções sintáticas usadas em uma comunidade de fala. Outrossim, “A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade” (grifos do autor)⁴⁴. Isto é, por meio da língua somos capazes de expressar os valores socioculturais que aprendemos no contexto que estamos inseridos. O *Twitter*, então, seria um meio virtual de compartilhamento não só da gramática, mas também de ideias as quais moldam a sociedade. Cabe ressaltar que

O surgimento dos gêneros digitais trouxe consigo uma nova atitude também diante da linguagem e da conversação como um todo: esta seria realizada em tempo real, mas mediada pelo computador e essencialmente por escrito. (MODESTO, 2011, p. 41)

Dito de outro modo, a conversação no meio digital representa uma mescla das modalidades de uso da língua: fala e escrita. Essa combinação é interessante, uma vez que permite identificarmos uma progressão contínua entre essas categorias, e não uma segregação

⁴⁴ MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 35.

absoluta entre escrita e fala. Então, mostra-se pertinente entender que o *Twitter* carrega uma produção linguística virtual que está baseada em um texto “falado por escrito”.

Por conseguinte, discutir sobre esse tipo de texto “falado por escrito” é perceber a existência de um *continuum*:

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques. (MARCUSCHI, 2010, p. 34)

O *Twitter*, portanto, traz em uma linguagem escrita marcas da fala, evidenciando um gênero textual dinâmico justamente por refletir ambas modalidades.

Outro ponto relevante é o fato de essa rede social trazer marcas da oralidade justamente pela relação entre os indivíduos⁴⁵: o compartilhamento de *tweets* é feito por um falante para seus contatos, os quais podem ser amigos, familiares, colegas de trabalho. Esse círculo de amizades acaba criando um contexto de proximidade entre os usuários, dando espaço para a informalidade.

Além disso, a objetividade do discurso, devido à limitação de 280 caracteres, pode se mostrar bastante intrigante, uma vez que revela ferramentas encontradas pelos falantes, como a *hashtag* e o uso de *emoticons*, para já informar de modo bastante claro e conciso o assunto de seu texto. Haveria, então, uma espécie de formatação do texto escrito, pelo prisma dessa nova tecnologia.

A relação entre escrita e fala não é novidade. Estudos feitos por Massini-Cagliari (2008) apontam a interface entre a música das cantigas medievais e a fonologia do português arcaico (PA). Para a autora, a análise da paragoge⁴⁶ e do ritmo do PA foi possível por causa das

⁴⁵ Sobre a relação entre os falantes, Marcuschi (2010, p. 38) aponta que “Há gêneros que se aproximam da oralidade pelo tipo de linguagem e pela natureza da relação entre os indivíduos, por exemplo, as cartas íntimas e pessoais. Isso não ocorre no caso das cartas comerciais ou abertas.” Fica evidente, então, a mescla entre fala e escrita em vários gêneros textuais, não apenas no *Twitter*. Além disso, a linguagem informal e a proximidade entre os contatos nesse meio virtual evidenciam a presença de marcas da oralidade.

⁴⁶ “A paragoge é um processo fonológico que acrescenta uma vogal neutra /e/ após sílabas terminadas por codas consonantais, a fim de transformar essas sílabas em estruturas canônicas do tipo CVCV”. (MASSINI-CAGLIARI,

notações musicais feitas nas cantigas. Os acentos rítmicos do PA foram reconstituídos com o auxílio das proeminências musicais, as quais se combinaram preferencialmente com proeminências nos níveis poéticos e linguísticos. Evidencia-se, igualmente, a prosódia do PA inscrita na musicalidade atribuída ao texto escrito, às cantigas trovadorescas.

É imprescindível destacar também que (ARAUJO, 2016, p. 503)

Os estudos sobre conversação em rede têm contribuído para compreender a mediação da informação expressa nas interações de uma maneira mais qualitativa e apontam o uso do Twitter como **ferramenta social**. Por meio da conversação, é possível observar elementos diversos da organização e da negociação dos valores que são construídos nas redes sociais. A partir do mapeamento da conversação e seus aspectos estrutural e semântico, é possível compreender a qualidade das conexões estabelecidas entre os atores, bem como o sentido construído entre os interagentes (grifos nossos).

Fica claro aqui que os estudos envolvendo o meio digital se mostram deveras relevantes, justamente por analisarem como o discurso se dá longe de uma interação face a face: por meio de redes sociais, aplicativos em celulares e computadores, a comunicação humana vem apresentando novos padrões. Não há um texto puramente escrito ou falado, mas sim uma mistura entre tais modalidades, a qual dá pistas de uma gramática da língua sendo construída nesse meio virtual.

Ao compreender o *Twitter* como uma ferramenta social, também se propõe que tal rede é capaz de propagar normas e valores aceitos por um grupo de falantes. Há uma troca de informações e opiniões que carrega o *background* necessário para que a comunicação ocorra de modo bem-sucedido, sendo que essa interação é gerada quando os interlocutores assumem seus papéis no desenrolar comunicativo.

Vale ainda acrescentar que o *Twitter* é uma rede social criada em 2006 com o intuito de funcionar como um “SMS da internet”, uma vez que permite o envio e o recebimento de atualizações dos contatos pessoais de um usuário de modo bastante conciso e rápido. Os criadores da rede, Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, desenvolveram uma

2008, p. 13). Para a autora, o /e/ foi o segmento acrescentado nos dados analisados por ela. Vale ressaltar que na paráfrase qualquer fonema pode ser inserido no final da uma palavra.

plataforma gratuita com limitação de 280 caracteres, assim como as mensagens de celular, as quais também possuem um limite.

Ao criar uma conta no *Twitter*, o usuário digita seu *tweet* como resposta a uma pergunta: “*O que está acontecendo?*”, como demonstrado na Figura 10. Os *posts* podem variar bastante de conteúdo, afinal, as réplicas para essa questão são ilimitadas. Também é possível que haja um *retweet* (como mostra a Figura 11), ou seja, uma resposta direta a um *tweet* já publicado, algo que torna mais dinâmico o uso dessa rede social.

Figura 10: Página virtual do *Twitter*.

Figura 11: Retweet.

Cabe comentar que a escolha pela seleção das *hashtags* é uma forma de verificar com maior precisão os usos linguísticos. A *hashtag* funciona como palavra-chave: a partir dela, é possível que os *posts* dos usuários do *Twitter* se tornem públicos e que assuntos sejam

procurados, isto é, há um mapeamento de conteúdo⁴⁷ facilmente realizado por meio dessa ferramenta⁴⁸. Ao compartilhar publicamente um *tweet*, os falantes podem pesquisar por interesses comuns, estabelecendo uma troca de vivências, experiências, opiniões, desejos, e, principalmente, uma permutação linguística: estruturas vão sendo cristalizadas e funcionam como um meio de topicalizar o conteúdo a ser comentado e compartilhado.

As *hashtags* *#gostariaque* (Figura 12) e *#gostavaque* (Figura 13) podem ser usadas para indexar um desejo que não foi realizado até o momento da publicação do *post*, e, por isso, elas refletem espaços contrafactuais, ou seja, contrários à realidade atual do usuário. Também é importante notar que ambas são construções sintáticas diferentes de comunidades de falantes distintos: enquanto a primeira reflete um uso tipicamente do PB, a segunda indica um uso do PE.

Figura 12: *#gostariaque*.

Figura 13: *#gostavaque*.

⁴⁷ “O espaço digital permitiu a ampliação das redes sociais e o mais importante, o seu registro (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) e com isso a possibilidade de serem rastreadas e mapeadas não apenas a rede de interatividade e conversações, mas as próprias conversações em rede.” (ARAUJO, 2016, p. 503.)

⁴⁸ Há outras funções que a *hashtag* pode exercer. Em artigo feito por Recuero, Zago e Bastos (2014), verificou-se a existência de *hashtags* panfletárias, com palavras de ordem, como *#vemprarua* e *#ogiganteacordou*, muito compartilhadas nos protestos de junho de 2014 no Brasil. Ademais, em um artigo de Araujo (2016), nota-se também a importância do *Twitter* e das *hashtags* na política, pois tal rede social seria capaz de difundir com um grande alcance de público e rapidez informações sobre propostas feitas por candidatos, por políticos vigentes, etc., bem como aumentar a participação política da sociedade.

Além de funcionarem como construtores de espaços contrafactuais, as *hashtags* podem modalizar um pedido (Figura 14 e 15), principalmente quando a sentença apresenta também *por favor*, ou ainda criar espaços mentais de possibilidade (Figura 16), sendo que esses refletem eventos com chances de acontecer no futuro. Vale reforçar que a interpretação de todas as sentenças teve como base o conhecimento de mundo da autora. A versatilidade de usos e significados será analisada em detalhes no próximo capítulo.

Figura 14: #gostariaque modalizando um pedido.

Figura 15: #gostavaque modalizando um pedido.

Figura 16: #gostavaque ativando um EM de possibilidade.

2.2. Metodologia

Na primeira etapa do trabalho foram realizadas diversas leituras sobre a Linguística Cognitiva, a Teoria dos Espaços Mentais, modalização e textos multimodais. Antes da coleta dos dados, era necessário aprofundar os conhecimentos sobre a perspectiva cognitivista da linguagem, para, então, começar a formar o *corpus* a ser analisado.

Após a fase inicial de levantamento bibliográfico, foi feita uma seleção de 206 ocorrências, sendo que em 106 dessas utilizou-se a *hashtag* *#gostavaque*, e em 100, a *hashtag* *#gostariaque*. Para conseguir essa amostragem, foi realizada uma busca na página do *Twitter*, procurando especificamente por sentenças encabeçadas por [Gostaria que] e [Gostava que].

A formação do *corpus* teve como base alguns critérios:

- i. As sentenças retiradas deveriam ser de usuários brasileiros e portugueses;
- ii. Para confirmar a nacionalidade, os perfis dos usuários foram consultados;
- iii. Os perfis que eram privados ou não possuíam a informação da nacionalidade tiveram seus *posts* desconsiderados para esse estudo;
- iv. Foram coletadas apenas as construções sintáticas que se iniciavam por [Gostaria que];
- v. Foram coletadas apenas as construções sintáticas que se iniciavam por [Gostava que].

A partir dos dados, iniciou-se a análise qualitativa do *corpus* por meio do contraste entre PB e PE, bem como pela aplicação dos pressupostos da Linguística Cognitiva e da Teoria dos Espaços Mentais. Tal análise foi necessária para que se pudesse compreender quais espaços estavam sendo ativados no contexto em que os dados foram extraídos. Essa etapa do trabalho também possibilitou a verificação de contextos socioculturais diferentes, que são responsáveis por criar estruturas linguísticas diversas.

Outra perspectiva relevante foi a análise quantitativa, a qual evidenciou os usos mais prototípicos e frequentes das expressões *gostaria que* e *gostava que*, encabeçando sentenças, tanto no PB quanto no PE. A recorrência dessas construções enfatizou fortemente a variação que ocorre na língua portuguesa, comprovando a preferência dos falantes por *gostaria que*, no caso do Brasil, e *gostava que*, em Portugal.

3. A ATIVAÇÃO DE ESPAÇOS MENTAIS NOS *TWEETS*

Neste capítulo, será apresentada a análise feita para os dados recolhidos do *Twitter*. Primeiramente, discutiremos os espaços mentais ativados pelas *hashtags* *#gotariaque* e *#gostavaque*. Dentre esses EM, destacam-se o de contrafactualidade e possibilidade. Será necessário também conceituar essas noções semânticas.

Seguiremos esta seção analisando a modalização de pedidos. Verificou-se no *corpus* o uso das *hashtags* para expressar um desejo combinado a um requerimento. Notou-se, então, que EM também podem processar a modalização do discurso.

A terceira parte do capítulo será importante para avaliar o tempo verbal funcionando como gatilho gramatical capaz de construir diferentes espaços mentais. O foco da análise é relacionar o uso do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito com a ativação de EM no desenrolar comunicativo.

Por fim, uma vez que o trabalho está baseado na linguística cognitiva e assume a relevância do uso da língua como forma de construir a gramática, traremos as evidências que apontam para as *hashtags* mais prototípicas do PB e do PE.

3.1. O espaço mental contrafactual

Definir um espaço contrafactual não é uma tarefa fácil. Por muito tempo se pensou que o conceito de contrafactualidade envolvia apenas avaliar a verdade de uma proposição. Para a semântica cognitiva, mostra-se mais pertinente analisar como esse tipo de EM é configurado e estruturado. Cabe ressaltar novamente que, para o recorte teórico adotado neste trabalho, estudar a construção de espaços mentais é investigar modelos mentais do **discurso**, e não modelos do mundo real.

“Tradicionalmente, contrafactualidades como ‘Se os homens tivessem asas, eles voariam’ são vistas como casos de argumentos possivelmente válidos de premissas que são falsas na realidade” (FAUCONNIER, 1994, p. 109)⁴⁹. “O contrafactual constrói uma situação imaginária que difere da real em uma circunstância fundamental, expressa na parte antecedente (A, prótase) da construção *Se A, então B*.”⁵⁰. Logo, ativar um EM contrafactual é tecer hipóteses sobre um mundo alternativo, o qual é incompatível com o mundo real. Por isso, a construção desse EM funciona da seguinte maneira⁵¹: um espaço M_1 é incompatível com outro espaço M_2 se alguma relação explicitamente especificada em M_1 não é satisfeita pelos elementos correspondentes de M_2 . Há, portanto, um conflito entre M_1 e M_2 , uma vez que existe a incompatibilidade. Dito de outro modo, a contrafactualidade “apresenta um espaço sendo configurado contradizendo diretamente uma realidade que é conhecida e que não pode ser alterada” (DANCYGIER; SWEETSER, 2005, p. 76)⁵².

A cognição humana é um fator decisivo para permitir a operação do irreal, sendo possível processar a contrafactualidade. Como bem aponta Fauconnier; Turner (2002, p. 217),

Nossa espécie possui uma habilidade extraordinária para operar mentalmente no irreal, e essa habilidade depende da nossa capacidade para integração conceptual avançada. [...] Seres humanos podem operar diversos cenários, mentalmente checando os resultados, e fazendo escolhas, tudo em minutos em vez de gerações. Conceber novos cenários complicados em quase qualquer domínio enquanto se faz novas inferências complicadas e escolhas é agora algo que pode ser operado como parte da vida mental e cultural. As capacidades cognitivas dos seres humanos modernos não apenas permitem aos indivíduos um maior poder de concepção e escolha, mas também permitem que culturas transmitam escolhas que foram feitas e testadas por comunidades inteiras.⁵³

⁴⁹ “Traditionally, counterfactuals like ‘If men had wings, they would fly’ are viewed as cases of possibly valid reasoning from premises that are false in actuality”.

⁵⁰ “(...) a counterfactual sets up an imaginary situation which differs from the actual one in one fundamental respect, expressed in the antecedent part (A, the protasis) of the *if A then B* construction.” (FAUCONNIER, 1996, p. 58)

⁵¹ Cf. FAUCONNIER, 1994, p. 109.

⁵² “It presents the space being set up as directly contradicting a reality that is known and cannot be changed”.

⁵³ “Our species has an extraordinary ability to operate mentally on the unreal, and this ability depends on our capacity for advanced conceptual integration. [...] Human beings can run several scenarios, mentally check the outcomes, and make choices, all in minutes rather than generations. Conceiving complicated new scenarios in nearly any domain while making complicated new inferences and choices is now something that can be run as part of mental and cultural life. The cognitive capacities of modern human beings not only allow individuals a far greater power of conception and choice, they also allow cultures to transmit choices that have been made and tested by entire communities.”

É dentro desse panorama evolutivo que se encontra a habilidade para gerenciar e ativar a contrafactualidade. Especular sobre o irreal, portanto, é uma tarefa cognitiva bastante complexa e realizada ao longo do ato comunicativo. Além disso, a evolução humana possibilitou o compartilhamento de contextos socioculturais, os quais também estão em foco na análise cognitivista.

Depois de considerar a importância evolutiva da cognição humana, é necessário observar que construir espaços contrafactuais exige um esforço cognitivo maior justamente por ativar e mesclar espaços diferentes, uma vez que se estabelece a relação de incompatibilidade entre um espaço *R*, referente à representação do mundo real, e um espaço *C*, referente à idealização de um mundo contrafactual.

É precisamente essa mescla de EM que torna a comunicação um processamento cognitivo muito dinâmico, pois vários espaços podem ser ativados e misturados conforme o discurso está sendo produzido. Por isso, é possível afirmar que, segundo Fauconnier (1994, p. xlv),

Os mapeamentos e *blendings* cognitivos são o cerne da construção do significado. As construções sintáticas [...] representam espaços genéricos de alto nível. Juntamente com itens lexicais, que são eles próprios construções, eles podem ser mapeados e misturados em espaços progressivamente mais específicos. Este esquema geral permite que vários níveis de organização sejam projetados simultaneamente em uma determinada configuração de espaço mental.⁵⁴

Fica claro, então, que a construção de EM e do sentido depende de sintaxe e léxico, ambos componentes da gramática, para que ocorra progressivamente a ativação de diferentes EM. Essa dinamicidade processual é bastante coerente com a comunicação, pois essa também é concebida de modo dinâmico, seja ao avaliar a troca de papéis entre interlocutores, seja ao

⁵⁴ “Cognitive mappings and blendings are at the heart of meaning construction. Syntactic constructions [...] represent high-level generic spaces. Together with lexical items, which are themselves constructions, they can be mapped and blended into progressively more specific spaces. This general scheme allows multiple levels of organization to be simultaneously projected in one given mental space configuration.”

considerar os diversos assuntos e memórias – individuais e/ou socioculturais – evocados no discurso.

Para investigar a contrafactualidade, torna-se imprescindível assumir que existe a integração conceptual para que haja EM contrafactuais. Sem *blendings*, não há como relacionar e combinar mundos irreais com a realidade.

A dinâmica cognitiva também pode ser verificada no modo como EM são construídos. Como explica Fauconnier; Sweetser (1996, p. 12)

Primeiro, em qualquer ponto do discurso, um ou (geralmente) vários espaços mentais foram configurados e ligados entre si; um desses espaços é escolhido como o *ponto de vista* (o espaço a partir do qual, nesse ponto no discurso, outros podem ser acessados ou criados). Em segundo lugar, algum espaço específico (possivelmente o mesmo que o espaço do ponto de vista, mas não necessariamente) está em *foco*; é o espaço para o qual a estrutura está sendo adicionada, e é acessado a partir do espaço do ponto de vista atual. Terceiro, o movimento através da rede de espaços consiste em começar de uma *base*, que fornece o ponto de vista inicial e, em seguida, desloca o ponto de vista e o foco, usando os Conectores Espaciais apropriados. (grifos dos autores)⁵⁵

Nota-se que ao longo do discurso, base, foco e ponto de vista são alterados diversas vezes, e estão relacionados por conectores espaciais (como advérbios, conjunções, etc.) Partindo de um espaço base, outros EM são adicionados. A possibilidade de combinações é infinita e essas ocorrem concomitantemente durante a comunicação.

Além da relevância da mesclagem conceptual e da dinâmica cognitiva, vale destacar que interpretar uma sentença assumindo a ativação da contrafactualidade depende – e muito – do ponto de vista. Analisemos (24) a seguir:

(24)

12 de ago de 2015
#gostariaque bioquímica fosse fácil !

⁵⁵ First, at any given point in discourse, one or (usually) several mental spaces have been set up and linked to each other; one of those spaces is singled out as the *viewpoint* (the space from which, at that point in discourse, others can be accessed or created). Second, some particular space (possibly the same one as the viewpoint space, but not necessarily) is in *focus*; it is the space to which structure is being added, and it is accessed from the current viewpoint space. Third, motion through the network of spaces consists in starting from a *base*, which provides the initial viewpoint, and then shifting viewpoint and focus, using the appropriate Space Connectors.

Em (24), deve ser considerado o ponto de vista: para a falante que publicou esse *tweet*, pode-se assumir que bioquímica não é fácil, ou seja, no espaço *R* essa área do conhecimento é difícil. Logo, ao expressar um desejo (espaço *D*) e mesclá-lo com o mundo real – do ponto de vista da interlocutora – e com um mundo idealizado, há como resultado a construção da contrafactualidade (espaço *C*), como vemos na Figura 17:

Figura 17: Representação de EM de (24).

Entretanto, se (24) fosse produzido por uma pessoa que considera bioquímica fácil, poderia se pensar que ela estaria expressando um desejo aliado a um fato da realidade dela:

(24)

a. Gostaria que bioquímica fosse fácil, *mas* para mim não é. → INTERPRETAÇÃO CONTRAFACTUAL

b. Gostaria que bioquímica fosse fácil, *mas* para mim é. → INTERPRETAÇÃO DE UM DESEJO JÁ ALCANÇADO

As variações (24a) e (24b) apontam para pontos de vista diferentes: se para o falante, bioquímica não é fácil, torna-se possível confirmar a construção de um EM contrafactual.

Contudo, em (24b) haveria um desejo, combinado a uma situação da realidade do interlocutor, considerado no espaço *R*. Logo, nessa segunda sentença, não há incompatibilidades sendo construídas. Por isso, “um espaço será contrafactual dependendo do ponto de vista que se tome – isto é, no espaço que serve como ponto de vista”⁵⁶ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 230). Em outras palavras, incompatibilidades precisam ser estabelecidas entre o espaço *R* e o espaço *C* para que a relação de contrafactualidade ocorra.

Ademais, outros fatores devem ser averiguados para a interpretação contrafactual. Além do ponto de vista, “a combinação de tempos, modos e referência temporal nas duas orações ora sugere ou força a contrafactualidade”⁵⁷. Em outras palavras, as escolhas gramaticais influenciam diretamente na construção de EM contrafactuais. Dependendo do contexto linguístico, tais EM podem ser mais fortemente contrafactuais, ou menos. O interessante desse ponto é notar que há uma gradação da contrafactualidade, ou seja, um *continuum*.

Também é relevante considerar que as escolhas lexicais reforçam, ou não, o valor contrafactual das sentenças. Verbos como *wish*, por exemplo, costumam fortalecer a construção de EM contrafactuais. Analisemos (25) a seguir, retirado de Fauconnier (1994, p. 110):

(25) I *wish* Lucky had won, I would be rich. (Eu queria que Lucky tivesse ganhado, eu seria rico.)

Em (25), o verbo *wish* ativa um espaço de desejo que está relacionado a um evento passado: Lucky não ganhou a corrida, logo, o interlocutor não está rico, uma vez que perdeu a aposta. A combinação da escolha lexical verbal, juntamente com a referência gramatical a uma situação passada, foi capaz de projetar um EM contrafactual no qual o falante seria rico.

A mescla entre aspectos gramaticais e lexicais para construir a contrafactualidade também pode ser vista em (26):

⁵⁶ “A space will be counterfactual depending on the point of view one takes – that is, on the space that serves as the viewpoint.”

⁵⁷ “A combination of tenses, moods, and time reference in the two clauses either suggests or forces counterfactuality.” (Ibid., p. 221)

(26)

Na sentença (26), é necessário observar as escolhas lexicais: *gostar*, *chover*, *dinheiro*, *quintal*. A interpretação do evento contrafactual depende desse vocabulário, uma vez que ele evoca funções desempenhadas por tais palavras, como a expressão de uma vontade; o fenômeno natural de cair água do céu; forma de pagamento; terreno nas partes do fundo de uma casa. Depois, mostra-se fundamental perceber a relação gramatical que permeia as expressões linguísticas. Há o uso do futuro do pretérito para codificar um desejo sob um ponto de vista passado com projeção ao futuro, resultando em uma hipótese. Ainda vale identificar que o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (*chovesse*) reforça que o falante está tecendo hipóteses sobre algum assunto.

Relacionando as funções com as escolhas gramaticais, sabemos que é impossível chover dinheiro, logo, há uma incompatibilidade entre espaços: o espaço *R*, da realidade, e o espaço *D*, do desejo, resultando em um espaço *C* contrafactual. Cabe ressaltar que (26) ativa uma contrafactualidade forte, justamente por mesclar o evento da natureza *chover* com uma situação irreal *chover dinheiro*.

Para determinar o sentido de um texto, então, fica evidente a importância de investigar o contexto sociocultural bem como os elementos linguísticos – gramaticais e lexicais – escolhidos no momento da produção textual.

Nas subseções seguintes, será exposta a proposta de análise do presente trabalho: verificar se as orações subordinadas que seguem as *hashtags* apresentam uma contrafactualidade mais forte ou fraca, identificando possíveis pistas linguísticas e extralinguísticas – como os *emojis* e *emoticons* – que sejam responsáveis por fortalecer ou enfraquecer a hipótese contrafactual.

3.1.1. Contrafactualidade forte

Como mencionado anteriormente, há elementos gramaticais e lexicais que podem fortalecer a interpretação contrafactual. Assumiremos aqui que a contrafactualidade forte significa a expressão de situações hipotéticas **totalmente** incompatíveis com a realidade, ou seja, que não possuem a menor possibilidade de se concretizarem no mundo real. Também consideramos que a força contrafactual impede que outras leituras sejam interpretadas: em um EM contrafactual forte, nota-se a mescla entre espaço *R* e espaço *D*, não sendo provável ativar outros EM, como o de possibilidade, de modalização de pedidos, de futuro.

Quanto à dimensão lexical, Fauconnier (1994, p. 111) aponta que as negações⁵⁸ e verbos como *wish* (desejar; querer) são ferramentas fortes na construção da contrafactualidade. Analisemos (27):

Em (27), há evidências linguísticas que apontam para a construção de uma contrafactualidade forte. Em primeiro lugar, nota-se o uso de um verbo que expressa uma vontade (*gostar*) combinado a uma sentença negativa, a qual é marcada pelo uso do sintagma adverbial de negação *não*. As pistas lexicais já apontam para um EM contrafactual forte, isto é, uma situação hipotética totalmente incompatível com a realidade.

Seguindo o *continuum*⁵⁹ contrafactual, condicionais do tipo *Se A, então B*, e verbos modais como *could* e *might* (*poderia*) também estabelecem relações contrafactuais. Na língua

⁵⁸ Fauconnier (1994, p. 110) cita como exemplo de negação e ferramenta de contrafactualidade a seguinte sentença: “Fortunately, the fire *did not* cross the highway. My house would have been destroyed.” (grifos do autor).

⁵⁹ Vale ressaltar que entendemos *continuum* como uma gradação: não assumimos a existência de categorias fechadas, ou seja, classificações que separam totalmente as expressões linguísticas. Considerar um *continuum* é entender a língua com suas funções direcionando para algo mais ou menos contrafactual, por exemplo.

portuguesa, o verbo *ter* seguido da conjunção *que* é uma expressão linguística que pode construir um EM de contrafactualidade forte, como verifica-se em (28):

(28)

Em (28), *ter que* funciona como uma modalização que expressa basicamente um dever. Além disso, é possível notar a presença da negação (*não*) como instrumento fortalecedor da hipótese contrafactual. Considerando os itens lexicais é possível interpretar a expressão de um desejo (*gostaria que*): pessoas amadas não deveriam partir. Porém, o fato do mundo real é que essas pessoas partem, ou seja, morrem. Um elemento extralinguístico que evidencia também a contrafactualidade é o *emoticon* :'(, o qual reforça um sentimento de tristeza perante a situação real, incompatível com o evento irreal idealizado.

Quanto à dimensão gramatical, a variação do tempo verbal pode reforçar a hipótese contrafactual. O uso de uma referência passada pode fortalecer a interpretação contrafactual. Analisemos (29):

(29)

Em (29), o verbo *gostar* flexionado no pretérito imperfeito aponta para um momento de referência que já passou. Justamente por isso, tecer hipóteses sobre algo passado acaba resultando em contrafactualidade, uma vez que se criam mundos irreais incompatíveis com situações passadas finalizadas. Novamente, nota-se em (29) a importância de relacionar também linguagem verbal e não verbal. O *emoji* representando uma expressão facial de sofrimento fortalece o EM contrafactual, pois evidencia uma hipótese totalmente incompatível com a realidade.

Na sentença (30), temos mais uma vez a referência do tempo passado reforçando a contrafactualidade:

(30) possui o verbo *gostar* mais uma vez flexionado no pretérito imperfeito do indicativo. Além disso, há o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo, o qual favorece a leitura contrafactual forte, sendo utilizado para tecer hipóteses. A combinação desses dois tipos de pretérito da língua portuguesa são evidências que apontam para interpretações contrafactuais mais fortes.

Vale notar também que (30) projeta um EM relacionado a uma suposição futura: ter sol para toda a vida. Entretanto, por ser um evento incompatível com a realidade, juntamente com a flexão temporal dos verbos, o resultado de toda essa combinação acaba sendo uma leitura contrafactual forte.

O futuro do pretérito é uma forma de ativar também a contrafactualidade. Tomemos como exemplo a sentença (31) a seguir:

Em (31), *gostaria* está flexionado no futuro do pretérito. Tal tempo verbal parte de uma situação passada para projetar um evento que ainda está para acontecer. Ademais, a oração subordinada substantiva objetiva indireta traz uma referência do presente: o mundo real representado no EM contém um marido que é flamenguista. A Figura 18 ilustra a ativação dos EM de (31):

Figura 18: EM de (31)

É no Espaço C contrafactual que ocorre a mistura entre os dois elementos projetados: o marido flamenguista e o marido vascaíno. a é uma representação que consta no Espaço R da realidade da falante; a^1 é a reprodução mental do desejo da interlocutora; e a combinação de a com a^1 resulta na incompatibilidade expressa: um marido flamenguista que é vascaíno. Logo, mesmo havendo a referência de uma situação do presente – o fato de o marido ser, hoje, torcedor do Flamengo –, é possível projetar um EM contrafactual forte, pois o futuro do pretérito fortalece a característica de tecer hipóteses sobre uma situação irreal.

Contudo, nem sempre a contrafactualidade é imposta pelos elementos lexicais e gramaticais discutidos na seção 3.1.1. Como veremos adiante, mostra-se possível criar EM contrafactuais mais fracos.

3.1.2. Contrafactualidade fraca

A contrafactualidade fraca pode ser entendida como um caso de ambiguidade: há mais de uma interpretação cabível para a sentença, como a contrafactualidade e a possibilidade. Assume-se que um EM de possibilidade⁶⁰ projeta uma situação compatível com a realidade, isto é, que tem chances de se concretizar no mundo real. Portanto, o que será explicado nesta subseção é a leitura ambígua: ora pode-se entender que ocorre a ativação de um EM incompatível com a realidade, ora compatível com essa.

Analisemos a sentença (32) a seguir:

Em (32), há duas leituras plausíveis para a sentença: uma incompatível com a realidade, e outra compatível. As variações (32a) e (32b) ilustram melhor as interpretações:

(32)

a. Gostaria que acabasse o programa do Jô, *mas* ele não vai acabar. → LEITURA CONTRAFACTUAL

b. Gostaria que acabasse o programa do Jô, *mas* ele vai acabar. → LEITURA DE POSSIBILIDADE

(32a) e (32b) apontam para uma ambiguidade, resultado de uma contrafactualidade fraca. Se interpretarmos (32) como (32a), teremos uma leitura contrafactual, uma vez que haveria uma hipótese incompatível com o mundo real. Contudo, ao considerar (32b), a interpretação passa a girar em torno de uma possibilidade: é possível que o desejo da falante se torne realidade e que o programa do Jô acabe.

⁶⁰ Tal tipo de espaço será discutido com maior aprofundamento na seção 3.2.

A contrafactualidade acaba perdendo sua força devido a fatores lexicais, por exemplo. Verbos como *wish* podem fortalecer hipóteses irrealis, mas nem sempre, como aponta Fauconnier (1994, p. 111)

(33) I *wish* you help me tomorrow. (Eu quero que você me ajude amanhã).

Em (33), o espaço projetado é compatível com a expectativa do falante, por isso não haveria a contrafactualidade, uma vez que o EM ativado está de acordo com o mundo real: o interlocutor vai ajudar o falante amanhã. Entretanto, ao considerar que o enunciador de (33) não receberá ajuda, a interpretação acaba sendo contrafactual. Fica evidente, portanto, que há uma ambiguidade instalada: tanto a leitura da contrafactualidade quanto a da possibilidade se tornam perfeitamente plausíveis.

Outra escolha lexical que pode enfraquecer a contrafactualidade é o uso de verbos modais, como nota-se a seguir:

(34)

Em (34), o verbo modal *poder* é uma escolha lexical que acaba enfraquecendo a leitura contrafactual. O desejo da falante é conseguir dormir cedo, algo que pode ser compatível ou incompatível com a realidade. Tal ambiguidade é reforçada pela presença do *emoticon* ;), o qual representa uma expressão alegre, sugerindo que a situação hipotética projetada tenha chances de se concretizar no mundo real, já que a falante estaria animada.

Também é possível considerar em (34) a interpretação contrafactual combinada com o *emoticon*: a falante não consegue dormir cedo, mesmo querendo, mas tal incompatibilidade com a realidade não seria desanimadora. Mais uma vez, verifica-se a presença de uma leitura ambígua, a qual enfraquece a contrafactualidade.

As características gramaticais também podem mais um elemento capaz de atenuar a ativação da contrafactualidade. No inglês, o *past perfect* combinado com uma referência no passado acaba se tornando ambíguo entre leituras contrafactuais fortes e fracas. Fauconnier (1994, p. 112) explica esse fato por meio do seguinte exemplo:

(35) If Boris had come, Olga would have been happy. (Se o Boris tivesse vindo, Olga teria ficado feliz).

Em (35), a interpretação da possibilidade se mostra pertinente ao considerar que Olga está feliz, então Boris provavelmente deve ter vindo. Para ter como resultado uma leitura contrafactual, deve ser assumido que Olga está triste, portanto, Boris não veio.

De acordo com Fauconnier (1994, p. 112), a relação dos tempos verbais ocorre da seguinte maneira, como mostra a Figura 19:

Tempo verbal da prótase	Status da prótase B
Presente	B ou $?B$
Passado (perfeito; imperfeito)	$?B$ ou $\sim B$
Passado mais que perfeito	$\sim B$

Valor hipotético do tempo	+ Valor temporal	= Tempo superficial
Presente	Passado	Passado (perfeito; imperfeito)
Passado (perfeito; imperfeito)	Passado	Passado mais que perfeito
Passado mais que perfeito	Passado	Passado mais que perfeito

Figura 19: A relação dos tempos verbais.

Considerando a Figura 19, é possível identificar que as leituras contrafactuais ($\sim B$) se confirmam com o uso do pretérito perfeito, imperfeito e mais que perfeito (*past* e *past perfect*). A ambiguidade, isto é, a contrafactualidade fraca e a possibilidade ($B?$), geralmente ocorre com o uso do pretérito, perfeito ou imperfeito. Ao usar o tempo presente, ativam-se espaços possíveis ($B?$) ou válidos (B), isto é, compatíveis com a realidade.

A sentença (36) a seguir ilustra a interpretação ambígua decorrente do uso do pretérito imperfeito:

Em (36) há vários EM sendo ativados. Primeiramente, pode-se notar um espaço contrafactual: a novela não acabará logo e nem terá um final feliz, ou terminará em breve, mas com um final triste. Uma segunda leitura seria a possibilidade de a novela se encerrar em breve, juntamente com um final feliz. A Figura 20 representa os EM de (36):

Figura 20: Os EM de (36).

A Figura 20 apresenta os diversos espaços que estão sendo ativados na produção e interpretação da sentença (36). A ampla gama de leituras se deve ao uso do pretérito imperfeito, bem como de uma referência futura de um evento: o término da novela *A Única Mulher*. A combinação desses tempos acaba resultando no enfraquecimento da contrafactualidade, pois a projeção de um mundo real possível acaba sendo realizada.

Fica claro, portanto, que uma situação incompatível com o mundo real pode ser enfraquecida, abrindo-se brecha para que outros EM sejam ativados concomitantemente no ato comunicativo, como o espaço de possibilidade. Na seção seguinte, discutiremos o espaço de possibilidade e como ele é acionado.

3.2. O espaço mental de possibilidade

O espaço mental de possibilidade envolve um evento que se mostra compatível com o mundo real, uma vez que possui chances de vir a integrar a realidade do falante. Há, nesse tipo de EM, hipóteses sobre um futuro, pois não se tem certeza do que vai acontecer, mas se sabe que é possível que determinada situação hipotética se configure como real. Dito de outro modo, é esperado que um fato futuro faça parte da realidade futura.

Analisemos a sentença (37):

(37)

Em (37), há um espaço *D* representando o desejo expressado pelo verbo *gostar*. Também se verifica a presença de um espaço de possibilidade, o qual projeta o Vasco como

campeão carioca, brasileiro e da Libertadores. Aqui não há uma leitura contrafactual, pois a projeção de uma situação hipotética do futuro deixa em aberto o que, de fato, irá acontecer, sendo plausível interpretar (37) como um EM de possibilidade. Cabe ressaltar que a falta de uma incompatibilidade com o mundo real também mostra que a contrafactualidade não é construída. O uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*) acaba evidenciando a condicional sendo estabelecida na sentença em questão. A Figura 21 ilustra tais EM:

Figura 21: EM de (37).

Na Figura 21, há vários EM de possibilidade sendo ativados na produção de (37). Ao projetar o Vasco como campeão de três diferentes competições, criam-se espaços possíveis que englobam tais vitórias. É importante observar que a leitura da possibilidade se deve ao fato de a sentença (37) tecer hipóteses sobre mundos compatíveis com a realidade: uma vez que o Vasco está participando dos campeonatos, o time possui chance de vencê-los. Em (37), assume-se o mundo real do presente como base para projetar situações hipotéticas futuras, ocorrendo a expectativa de elas se tornarem reais.

O uso do tempo presente para marcar um evento da realidade do falante carrega pistas de um EM de possibilidade, como se pode notar em (38):

(38)

Em (38), novamente pode-se observar a construção de uma situação possível para o futuro. O Sporting está competindo em uma partida de futebol, e possui chances de ser campeão. A possibilidade é ativada tendo como referência um evento do presente, que terá resultados no futuro. A escolha lexical do sintagma adverbial *hoje* reforça que o falante tomou como base o seu mundo real atual para projetar hipóteses. O verbo *gostar*, mais uma vez, expressa o desejo de seu interlocutor: o Sporting campeão hoje. Os EM ativados no ato comunicativo estão representados na Figura 22:

Figura 22: EM de (38).

A Figura 22 ilustra a combinação de espaços mentais para a construção da possibilidade. A partir de um evento presente – o jogo de futebol – o falante cria projeções

hipotéticas para o futuro, juntamente com a expressão de um desejo. Há, então, o espaço *R* representando o mundo real, ou seja, a realidade do interlocutor, um espaço *D* acionado por meio do verbo *gostava*, representando um desejo, e um espaço *P* de possibilidade como o resultado de um *blending* entre o espaço *R* e o espaço *D*.

Vale acrescentar que tais possibilidades não podem ser vistas como contrárias ao fato, ou seja, contrárias à realidade, uma vez que ainda não existem “fatos” futuros para serem contraditórios às projeções futuras⁶¹. Fica evidente, então, que as situações hipotéticas analisadas nesta seção diferem, e muito, da contrafactualidade discutida anteriormente, pois não ocorrem eventos incompatíveis com o mundo real, seja em maior ou menor grau.

A sentença (39) a seguir ativa vários espaços, sendo que o primeiro e o último são EM de possibilidade:

(39)

Em (39), primeiramente é importante analisar que as orações ativam EM diferentes:

1. *Gostava que fosse o Porto campeão* ativa um EM de possibilidade e outro de desejo, pois o verbo *gostava* expressa uma vontade do falante, que combinada com *fosse*, verbo no subjuntivo, resulta na projeção de uma situação hipotética possível;
2. *Mas como não vai ser* é responsável por construir a contrafactualidade, uma vez que nega o Porto como campeão, anulando, desse modo, o EM de possibilidade ativado anteriormente;
3. *Quero que seja o Sporting* aciona um espaço de desejo, claramente evidenciado pelo verbo *querer* no presente do indicativo. O verbo *ser* no subjuntivo constrói a hipótese possível para o futuro: já que o Sporting vai jogar, o time possui chances de vencer, sendo, portanto, possível se tornar campeão.

⁶¹ Cf. DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (2005, p. 58).

Considerar essas três etapas apresentadas é fundamental para que se percebam os caminhos linguísticos utilizados para projetar situações futuras possíveis. A quantidade de EM ativados pode ser infinita, e vai acontecendo conforme a comunicação se desenrola. O exemplo (39) ilustra de um modo bastante preciso a dinamicidade dos EM, que podem complementar ou negar ideias antes construídas. Em uma única ocorrência, desejo, contrafactualidade e possibilidade foram ativados para expressar aquilo que o falante queria no momento da enunciação, como se pode notar na Figura 23:

Figura 23: EM de (39).

Ao analisar situações hipotéticas que podem acontecer, é importante diferenciar espaços mentais de possibilidade e de futuro. No primeiro caso, como foi discutido ao longo

deste capítulo, a leitura que envolve um evento possível também abrange incertezas: não se sabe o que irá, de fato, acontecer, por isso há pouca certeza diante da hipótese que está sendo construída. No segundo tipo de EM, o falante tem alguma certeza sobre a situação imaginada, como será apresentado na seção 3.2.1 seguinte.

3.2.1. O espaço mental de futuro

Assim como no espaço mental de possibilidade, ao ativar um EM de futuro também ocorre a projeção de eventos que ainda não aconteceram, mas que possuem chances de se tornarem reais. O falante, ao construir esse EM no seu discurso, tem a expectativa de que a situação hipotética venha a fazer parte de sua realidade futura.

A diferença principal entre EM de possibilidade e de futuro pode ser verificada no nível de certeza que o interlocutor possui sobre a situação hipotética projetada. Em outras palavras, ao construir um EM de futuro, há, nem que seja em menor grau, uma certeza do falante sobre o evento em questão.

Dancygier e Sweetser (2005, p. 80) propuseram algumas classificações para as formas do futuro utilizadas no inglês *will* e *gonna* (*going to*). Segundo as autoras, tais expressões verbais podem ser verificadas em sentenças condicionais preditivas, as quais se mostram fáceis de serem previstas pelo interlocutor, havendo algum nível de certeza. Para analisar as duas formas verbais, as autoras utilizaram as sentenças seguintes:

(40) She makes another mistake and she's gonna be out.

(41) She makes another mistake and she'll be out.

Em (40), o uso de *gonna* reforça a certeza do falante sobre a situação da interlocutora: ao cometer mais um erro, ela será demitida, estando fora da equipe de funcionários. Já em (41), a forma verbal *will* acaba trazendo uma predição mais geral do espectador. Pelo fato de

As condicionais preditivas também evidenciam o caráter de causalidade, ou seja, construções do tipo *se p e q* possuem uma relação de causa-efeito que é interpretada pelo falante: o indivíduo percebe qual condição é suficiente para que um evento seja a causa de outro. “De um modo geral, a informação semântica de causa-efeito estabelecida entre o evento *se p*, expresso na prótase, e o evento *q*, expresso na apódose, origina-se a partir da integração de conhecimentos pertencentes a domínios estáveis (...) e locais (...)”⁶². Ao acionar *frames* de conhecimento esquemático (domínio estável) e conhecimento específico (domínio local), o falante constrói a causalidade entre as situações hipotéticas discutidas. Analisemos o seguinte exemplo (42)⁶³:

Em (42), a estrutura *se p e q* está sendo usada. Também se nota a ativação de *frames* que envolvem experiências culturais para a codificação do sentido: portar a arma (7 meia 5) é algo inadequado à situação sociocultural referida pelo falante. Logo, a previsão do futuro está pautada em uma certeza sobre determinado evento. É justamente essa previsão que permite relacionar uma circunstância como causa de outra: chegar com a arma causará o efeito do riso, do ridículo. Dito de outro modo, a condicional preditiva expressa um futuro baseado na relação causa-efeito.

Quanto aos auxiliares no inglês *will* e *gonna*, é possível verificar na língua portuguesa o uso do verbo *ir*, que funciona como um verbo auxiliar nas construções de futuro, como se nota na sentença (43) abaixo:

⁶³ Retirado de ROXO (2010, p. 138).

(43)

Em (43), verifica-se o uso do verbo *ir* como auxiliar do futuro do pretérito: *Iria dar imenso jeito*. A sentença (43) ativa três espaços mentais diferentes:

1. O primeiro espaço ativado é o de desejo: *gostava que* projeta a vontade do falante de existir celulares com bateria infinita;
2. Em seguida, o verbo *existissem* conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo reforça a situação hipotética construída. Além disso, a criação de uma bateria infinita não se mostra contrária à realidade, uma vez que tal evento compõe um fato futuro que ainda não se concretizou, sendo possível fazer parte do mundo real do amanhã;
3. Por fim, o uso do futuro do pretérito marcado pela locução verbal *iria dar* ativa o EM de futuro, abrangendo a certeza do falante sobre os benefícios da hipótese tecida por ele.

A Figura 24 ilustra os EM ativados na sentença (43). Vale ressaltar que é a partir da combinação desses espaços que se torna possível interpretar o sentido de (43).

Figura 24: EM de (43).

Na Figura 24, evidencia-se novamente a dinâmica dos espaços mentais, uma vez que vários espaços podem ser ativados ao longo do discurso. A sentença (43) possibilitou a construção do espaço que apresenta uma situação hipotética sobre a qual o falante possui alguma certeza: haverá benefícios advindos da existência de celulares com bateria infinita. A pista linguística que traz evidências da ativação de um EM de futuro é a forma verbal *iria + verbo principal*: o verbo *ir* funciona, nesse caso, como um verbo auxiliar⁶⁴ do futuro do pretérito.

⁶⁴ O uso do verbo *ir* como auxiliar não ocorre apenas com o futuro do pretérito. Na língua portuguesa, também se verifica que tal forma verbal pode ser utilizada no presente do indicativo e no pretérito perfeito. Como esta

É possível perceber que a construção do futuro se diferencia dos espaços mentais de possibilidade, pois carrega um traço de certeza do interlocutor sobre o fato futuro em questão.

3.3. A modalização de pedidos

Como discutido anteriormente na seção 1.3, a modalização permite que a interação humana ocorra, uma vez que tal ferramenta linguístico-cognitiva possibilita que os falantes assumam papéis durante a comunicação. Estabelecer necessidades e deveres é se colocar como aquele que tem o poder para dar ordens, ou como o indivíduo que precisa acatar o que foi ordenado, por isso, há um gerenciamento da interação, pois os interlocutores negociam suas posições com maior ou menor autoridade, por exemplo.

Nos casos dos *tweets* em que foi identificado um pedido, há pistas evidenciando o uso da modalização como forma de ativar espaços mentais. Além disso, existe a expressão de uma vontade combinada com um requerimento. O fato de um falante requerer algo de outra pessoa caracteriza atribuições diferentes aos interlocutores: enquanto um pede, o outro pode decidir atender ou não à solicitação feita. Vejamos a sentença (44) a seguir:

(44)

Em (44), é importante observar como o contexto se mostra fundamental para a construção do sentido. Primeiramente, nota-se que o uso de *pfvr*, isto é, *por favor*, evidencia que um pedido foi feito pela falante. Depois, a *hashtag* *#gostariaque* carrega um tom de cortesia⁶⁵: ao invés de a interlocutora expressar o seu pedido por meio de verbos no presente

seção pretende discutir apenas a construção de espaços mentais de futuro, esses outros usos do verbo auxiliar *ir* não serão comentados.

⁶⁵ A cortesia no ato comunicativo significa não atacar ou constranger o interlocutor. Essa é uma estratégia que atua diretamente no papel social do falante: ao não pedir diretamente que uma pessoa suma, a falante constrói

do indicativo, como *quero que*, resultando em uma solicitação com maior força, ela escolheu o futuro do pretérito juntamente com o verbo *gostar*, diminuindo a imposição de seu pedido. Por fim, ao não ficar claro a quem se destina tal sentença, pois não houve a marcação⁶⁶ de um perfil específico no *tweet* para identificar a quem *você* se refere, é possível caracterizá-la como uma indireta: mandar mensagens indiretas⁶⁷ nas redes sociais é algo bastante frequente, uma vez que se podem fazer críticas sem direcioná-las explicitamente a alguém, fato que permite a proteção da face⁶⁸ do locutor.

Vale comentar também que o pedido modalizado não pressupõe apenas uma resposta linguística, mas sim extralinguística, pois o falante possui a expectativa de que seu interlocutor faça uma ação, isto é, atenda ao requerimento feito. É por meio da combinação de espaços mentais que se consegue depreender o sentido de (44), assim como as intenções da falante que postou seu *tweet*. A Figura 25 ilustra os EM ativados:

uma imagem social mais positiva, pois enfraquece a força de seu pedido e, por sua vez, diminui as chances de ofender um outro indivíduo.

⁶⁶ A marcação no *tweet* ocorre quando o perfil de outro usuário é citado: [#Gostariaque a @caccahs fosse minha irmazinha s2](#). Nesse caso, fica explícito para quem a sentença se dirige.

⁶⁷ O meio digital favorece, e muito, que indiretas sejam trocadas nas redes sociais, pois há um distanciamento físico entre as pessoas: apesar da conexão via *internet* colaborar para que o contato entre os indivíduos ocorra instantaneamente, existe uma ausência física dos interlocutores, a qual é preenchida pelos perfis *online* dos usuários. Justamente por não estar em uma comunicação face a face, muitos falantes acabam utilizando as mensagens indiretas como ferramenta para elaborar críticas, uma vez que contam com a segurança de estarem afastados das pessoas para as quais a indireta é destinada.

⁶⁸ Goffman (1967) conceitua a face como uma imagem social almejada pelo ser humano ao longo da interação comunicativa. Proteger a face é tentar resguardar um papel social assumido na comunicação: ao mandar indiretas, o falante não expõe explicitamente uma crítica, e por isso a possibilidade de ofender um interlocutor é menor. Há, nessas situações, a preservação da face alheia e da própria face, “na medida em que a face que se pretende transmitir/sustentar possui características de civilização, educação, polidez que devem ser transmitidas para que essa face, a self, que se pretende ter, seja criada no julgamento do outro” (ALVES, 2014, p. 10).

Figura 25: EM de (44).

A Figura 25 representa os espaços mentais que foram ativados na sentença (44). Inicialmente, pode-se identificar um espaço *D*, o qual apresenta um desejo da falante manifestado pela escolha lexical do verbo *gostar*: ela quer que algo aconteça. O uso de *por favor* explicita um pedido: há um espaço *Pe* sendo ativado, pois a falante expressa um requerimento. Por fim, o *blend* desses dois primeiros EM resulta em um pedido modalizado: a mescla dos espaços que foram inicialmente ativados deu origem ao novo espaço *PM*, o qual apresenta a combinação das escolhas lexicais (*gostar, você, sumir, por favor*) e gramaticais (futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo) feitas pela interlocutora para expressar linguisticamente tal solicitação.

Como já foi comentado previamente, a modalização do pedido acaba diminuindo a força do requerimento, mas pode representar uma forma de não constranger o interlocutor no ato comunicativo. Justamente por essa razão, modalizar solicitações possibilita que os falantes assumam papéis sociais diferentes: em (44), a falante está expressando um pedido modalizado e indireto, pois não se explicita quem é seu interlocutor. A escolha do futuro do pretérito do indicativo significa modalizar o verbo *gostar* para enfraquecer a imposição feita para o destinatário. Além disso, usar o *por favor* funciona como um traço de educação, o qual é importante para compor a imagem social da locutora, isto é, como a falante se projeta para a sociedade.

Cabe ressaltar ainda que as escolhas linguísticas apresentadas em (44) são pistas de EM construídos na comunicação. O que se pode ver explícito no *tweet* apenas guia as hipóteses sobre o processamento cognitivo que ocorreu no momento da publicação da sentença em análise.

O exemplo (45) mostra que o pedido modalizado pode ocorrer sem o uso de *por favor*:

(45)

Em (45), o falante explicita qual é o seu pedido e para quem está destinado (pessoas que não usam fones de ouvido em locais compartilhados). Nota-se inicialmente que o verbo *gostar*, mais uma vez, ativa um desejo do locutor. Também se pode identificar que a temática desse *tweet* envolve convivência social, pois trata do comportamento de pessoas em locais compartilhados, ou seja, lugares públicos. As escolhas gramaticais (verbos no futuro do pretérito do indicativo e no pretérito imperfeito do subjuntivo) dão pistas da modalização em (45), uma vez que diminuem a força do que está sendo solicitado. Novamente, há um tom de polidez presente na sentença, o qual evita constranger o destinatário da mensagem. A combinação morfossintática e semântica dos elementos presentes em (45) acaba construindo um pedido modalizado: o falante pede que as pessoas usem o bom senso para utilizar fones de ouvido em locais públicos. A ativação desses EM está ilustrada na Figura 26 a seguir:

Figura 26: EM de (45).

Fica evidente na Figura 26 que o espaço mental de pedido modalizado apenas se torna possível de construir ao considerar a mescla entre a ativação prévia de um desejo e de dois pedidos diferentes – o uso do bom senso e o uso dos fones de ouvido. Além disso, a flexão modo-temporal dos verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, funciona como pista para identificar a modalização.

Um outro exemplo de pedido modalizado está presente em (46) a seguir:

Em (46), há elementos que norteiam a interpretação do sentido como uma solicitação. Inicialmente, vale perceber que, assim como em (45), ocorre a marcação de perfis. No caso de (46), a falante deixou explícito que o requerimento está direcionado à banda *Panic! At the Disco* e ao site de vendas de ingressos para shows <http://www.everythingisnew.pt/>. O mesmo pedido para dois destinatários diferentes é uma estratégia para fortalecer⁶⁹ o impacto de tal requisição. O segundo período de (46) funciona como uma justificativa para pedir a presença da banda: estar há muitos anos esperando pelo grupo. Quanto aos elementos linguísticos, vale destacar o uso do pretérito imperfeito do indicativo (*gostava*) e do subjuntivo (*viessem*) para modalizar o pedido, evidenciando um grau de polidez para expressar a solicitação desejada pela falante.

Os espaços mentais ativados por (46) podem ser vistos na Figura 27:

⁶⁹ Ao marcar dois interlocutores diferentes, aumenta-se a chance de o pedido ser atendido.

Figura 27: EM de (46).

A Figura (27) representa a configuração dos espaços mentais ativados durante a produção de (46). Como visto nas sentenças anteriores, em (46) há um espaço D que introduz o desejo da falante, por meio da *hashtag* #gostavaque. Depois desse primeiro EM, um espaço

Pe de pedido é acionado, o qual apresenta a solicitação feita pela interlocutora. A mescla desses dois primeiros espaços resulta no espaço PM de pedido modalizado. Por fim, ao mencionar os anos de espera, ocorre a ativação de um espaço J de justificativa para o requerimento feito no *tweet*.

Comparando as sentenças (44), (45) e (46), pode-se observar que não há uma forma específica para acionar um pedido modalizado. Muito pelo contrário, nota-se a existência de pistas linguísticas que apontam para a interpretação do sentido. Justamente por não haver um protocolo único a ser seguido, é possível identificar um *continuum* de pedidos modalizados, já que há expressões mais e menos prototípicas para fazer solicitação sendo utilizadas nos exemplos analisados. A sentença (44) apresentou elementos mais típicos de requisição, como o uso de *por favor*. Contudo, não houve a menção a um interlocutor, tornando difícil identificar para quem o pedido se direciona. Em (45) e (46), por sua vez, os destinatários do requerimento foram explicitamente marcados, o que norteia a análise da modalização dos pedidos.

A noção de prototipia será discutida com maior detalhamento na seção 3.5. Por ora, cabe apresentar como o tempo verbal constrói espaços mentais.

3.4. O tempo verbal como ferramenta construtora de espaços mentais

Primeiramente, apresentaremos nesta seção o conceito de tempo verbal, buscando explicar os significados dos três tempos identificados nos *tweets*: futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo. Em seguida, discutiremos brevemente a noção de modo, para explanar como o modo verbal dá pistas dos espaços mentais construídos no discurso. Por fim, será comentada a contribuição da flexão modo-temporal para a ativação dos espaços mentais analisados no *corpus*: os tempos verbais, combinados com outros elementos linguísticos, são ferramentas importantes para que os EM sejam ativados e interligados no ato comunicativo.

3.4.1. O tempo

O tempo verbal é uma característica do verbo extremamente importante para a produção do sentido, uma vez que carrega informações necessárias ao contexto comunicativo, como a relação dos falantes sobre o evento que se relata no discurso. Como explica Castilho (2012, p. 418)

Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posteridade. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele.

Dito de outro modo, o tempo é mais uma marca do falante impressa no enunciado: a visão do sujeito sobre determinado evento acaba sendo expressa ao flexionar o verbo temporalmente. Além disso, o aspecto⁷⁰ é uma categoria relacionada ao tempo, uma vez que indica a duração de um fato comentado no texto produzido pelo interlocutor, detalhando se tal situação ainda continua (aspecto imperfectivo), ou já está terminada (aspecto perfectivo), por exemplo.

A flexão temporal relaciona basicamente três conceitos: o momento de fala (S), o evento (E), e o tempo de referência (R). Tais elementos configuram o sistema SER, desenvolvido por Reichenbach (1947). É por meio das diferentes combinações desses conceitos que ocorrem os diversos tempos verbais, como o Quadro 1⁷¹ abaixo ilustra:

⁷⁰ O aspecto não será profundamente discutido neste trabalho, pois o foco do estudo é o tempo verbal.

⁷¹ O quadro foi retirada de BOOGART, Ronny; JANSSEN, Theo. Tense and Aspect. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. P. 804.

	<i>Anterior (E – R)</i>	<i>Simple (E = R)</i>	<i>Posterior (R – E)</i>
PAST (R – S)	ANTERIOR PAST <i>had left</i>	SIMPLE PAST <i>left</i>	POSTERIOR PAST <i>would leave</i>
PRESENT (S = R)	ANTERIOR PRESENT <i>has left</i>	SIMPLE PRESENT <i>leaves</i>	POSTERIOR PRESENT <i>will leave</i>
FUTURE (S – R)	ANTERIOR FUTURE <i>will have left</i>	SIMPLE FUTURE <i>will leave</i>	POSTERIOR FUTURE <i>will be going to leave</i>

Quadro 1: Sistema SER.

No Quadro 1, vale atentar aos nove tempos verbais que resultam da combinação entre evento, momento de fala e referência. Pensando no futuro do pretérito do indicativo, tal tempo verbal indica um evento futuro anterior ao momento de fala ($E < S$), uma vez que se toma como referência temporal um momento passado ($R < S$). Como a categoria referencial temporal é passada, o evento em foco, apresentado pelo futuro, é posterior à referência do passado ($R > E$).

Contudo, ao analisar os dados, notou-se que tal sentido do futuro do pretérito não se aplicou ao contexto comunicativo. Retomemos a sentença (1) a seguir:

Em (1), o uso do verbo *gostar* flexionado no futuro do pretérito não faz referência temporal a um momento passado, uma vez que o desejo do falante é atual, ou seja, concomitante à produção do *tweet*, logo, à situação de fala. Tem-se, portanto, uma alusão ao tempo presente sendo feita por meio do futuro do pretérito. Ao citar um desejo do momento presente, projeta-se um mundo real: os programas de tv aos domingos são pouco cativantes, e o falante quer que eles sejam mais interessantes. Daí ocorre a contrafactualidade: ativa-se uma situação incompatível com a realidade.

Um outro sentido para o futuro do pretérito pode ser identificado ao retomar a sentença (37):

(37)

Em (37), diferentemente de uma situação contrafactual ativada pela flexão temporal do verbo *gostar*, verifica-se que ocorre a projeção de um espaço mental de possibilidade: há, de fato, um evento futuro sendo projetado, entretanto, a referência não é o passado, mas sim o presente, já que o Vasco estava, em 2012, competindo pelos três campeonatos mencionados. Ao publicar o *tweet*, a falante parte da sua realidade presente para tecer hipóteses de um mundo real possível.

O terceiro significado para o futuro do pretérito pode ser visto no exemplo seguinte:

(45)

Em (45), novamente é possível notar que a referência temporal não parte do passado, mas sim do presente, pois há uma vontade do falante concomitante à situação de fala. Além disso, o uso do futuro do pretérito funciona aqui para trazer um tom de polidez ao pedido sendo feito: a solicitação se mostra mais polida, já que evita constranger o interlocutor ou impor de modo autoritário o requerimento.

Nos três casos analisados acima, fica evidente que outros usos são atribuídos para o futuro do pretérito: ao se apropriar da língua portuguesa e utilizá-la diariamente, os falantes modificam a gramática, pois, como foi visto, o uso traz novos sentidos para traços gramaticais, como o tempo verbal. É por meio dessas novas significações que espaços mentais são ativados no discurso. Como aponta Fauconnier (1994, p. xl)

Tempos e aspectos gramaticais, e suas combinações, servem para indicar relações relativas entre espaços e, crucialmente, para acompanhar a "posição" do discurso dos participantes - que espaço está em *foco* (uma

noção dinâmica), qual serve de *base* e quais *trocās* estão ocorrendo (grifos do autor)⁷².

Logo, os diferentes usos do futuro do pretérito resultaram em espaços mentais diversos, como o de contrafactualidade, o de possibilidade e de pedido modalizado. O mesmo tempo verbal funciona como pista para que se rastreie como os EM foram construídos, havendo, portanto, as mesmas estratégias linguísticas com ativações mentais diversificadas.

Quanto ao pretérito imperfeito do indicativo, vale ressaltar que tempo e aspecto são importantes: há um evento anterior ao momento de fala (E<S), bem como uma referência temporal precedendo o discurso (R<S). O aspecto é a característica que diferencia claramente o pretérito perfeito do imperfeito: no primeiro caso, o aspecto é perfectivo, uma vez que a ação foi concluída; no segundo, o evento possui continuidade, pois não está terminado, o que resulta no aspecto imperfectivo.

Entretanto, ao olhar para o *corpus*, é possível identificar que o uso modificou o sentido do pretérito imperfeito. Analisemos novamente o exemplo (29) abaixo:

(29)

Em (29), o pretérito imperfeito não faz referência a uma ação habitual passada. Pelo contrário, tal tempo verbal serve para expressar um desejo do presente, o qual é simultâneo à situação de fala, isto é, o momento da publicação do *tweet*. Outrossim, pelo fato de a vontade do falante ser incompatível com a realidade, um espaço mental contrafactual é ativado em (29).

Além de construir a contrafactualidade, o pretérito imperfeito também projeta situações possíveis, como pode ser identificado em (38):

⁷² “Grammatical tenses and aspects, and their combinations, serve to indicate relative relations between spaces and crucially, to keep track of the discourse “position” of the participants – which space is in *focus* (a dynamic notion), which one serves as *base* and what *shifts* are taking place”.

(38)

Na sentença acima, fica clara a referência ao presente, principalmente por causa do sintagma adverbial de tempo *hoje*. O pretérito imperfeito, combinado ao advérbio, acaba delineando um espaço de possibilidade: a base é a realidade atual do falante, mundo real este que abrange o jogo do Sporting (*hoje*), time que possui chances de ganhar justamente por estar competindo. Por isso, projeta-se uma situação possível, compatível com a realidade.

Também é plausível notar a construção de pedidos modalizados, como analisado na sentença a seguir:

(46)

Em (46), o pretérito imperfeito carrega um tom de polidez ao pedido feito pela falante para a banda citada e ao site de eventos. A importância desse uso, como já foi comentado, é proteger a face: trazer um tom polido acaba projetando uma imagem social do sujeito falante como alguém educado, civilizado, o que pode acarretar uma credibilidade maior ao requerimento. Ademais, protege-se também a face do interlocutor, pois não se impõe a solicitação, fato que evitaria constrangimentos alheios.

A combinação dos tempos verbais discutidos até aqui evidencia que “tipicamente existem várias opções sobre como usar o tempo e outras formas linguísticas para criar espaços mentais semelhantes a partir de diferentes perspectivas.”⁷³. Seja fazendo uso do futuro do pretérito ou do pretérito imperfeito, nota-se que contrafactualidade, possibilidade e pedido foram espaços mentais construídos pelos falantes brasileiros e portugueses.

⁷³ “(...) there are typically multiple options about how to use tense and other linguistic forms to set up similar mental spaces from different perspectives” (DANCYGIER; SWEETSER, 2005, p. 70)

O terceiro tempo verbal identificado nos *tweets* é o pretérito imperfeito do subjuntivo. A diferença principal entre esse tempo e o pretérito imperfeito do indicativo é o modo: enquanto o subjuntivo funciona para criar hipóteses, o indicativo se refere ao que ocorre no mundo. Para estabelecer como o modo influencia o verbo, aprofundaremos esse conceito na seção seguinte.

3.4.2. O modo

O modo verbal está diretamente relacionado à teoria dos atos de fala. De acordo com Ilari; Basso (2008a, pp. 316-317)

[...] a teoria dos atos de fala [...] separa cuidadosamente os conteúdos proposicionais e os usos que deles podemos fazer: um dos usos que ela estuda é a asserção, pela qual damos fé de que aquele determinado conteúdo se realiza no mundo; outro é a construção de situações imaginárias que não precisam corresponder pontualmente com aquilo que acontece no mundo, mas podem ser úteis como exercícios do pensamento; outra ação ainda, bem diferente da asserção e da suposição, é a ordem.

Fica evidente que indicativo, subjuntivo e imperativo são modos verbais que também refletem a visão do falante sobre determinado evento. Além disso, no caso do imperativo, ordenar e pedir são ações que estabelecem papéis diferentes aos interlocutores, por meio de relações de poder: aquele que possui maior poder se torna mais capaz de ordenar, exigir, pedir.

Em outras palavras, “O *modus* evidencia de que ato de fala se trata: o dos ‘conteúdos que se realizam no mundo’ (indicativo), o das ‘situações imaginárias (...)’ (subjuntivo) e o da ‘ordem’, bem diferente ‘da asserção e da suposição’ (imperativo).”⁷⁴. É por meio do modo verbal que o falante expressa a relação do seu discurso com o mundo no qual o sujeito está inserido.

Ao olhar para os dados novamente, nota-se que o uso do subjuntivo corresponde à descrição feita por Castilho (2012). Tal modo verbal serve para tecer hipóteses, isto é, situações imaginárias, as quais podem corresponder com a realidade do falante, configurando

⁷⁴ CASTILHO, 2012, p. 438.

espaços de possibilidade, por exemplo, ou podem ser incompatíveis com o mundo real, ativando espaços contrafactuais.

Observemos o exemplo (47) a seguir:

(47)

Em (47), a flexão modo-temporal do verbo *ser* no pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*) projeta um evento hipotético: uma vida mais fácil. Contudo, ao construir tal situação imaginária, ocorre uma incompatibilidade com o mundo real da falante. A contrafactualidade pode ser confirmada pelo *emoticon* (;/), o qual representa um estado emocional triste, ou desanimado, indicando que a vida da interlocutora não é fácil.

Outro tipo de hipótese construída por meio do subjuntivo é a possibilidade, como se pode identificar na sentença (48):

(48)

O uso do subjuntivo, em (48), aponta para um espaço mental de possibilidade: uma vez que o Sporting estava competindo no dia da publicação do *tweet*, o time tinha chances de vencer a partida. Esse fato, aliado ao verbo *fosse*, projeta a situação hipotética possível, pois não há incompatibilidades com a realidade.

Por fim, o terceiro uso verificado para o subjuntivo foi codificar pedidos modalizados. É verdade que na língua portuguesa o modo imperativo, tipicamente, expressa ordens e pedidos, e possui uma morfologia própria. No entanto, segundo Castilho (2012, p. 439), “o imperativo tomou de empréstimo formas do subjuntivo. ”, devido à confluência de modos verbais do indoeuropeu. O que ocorre, então, é uma mescla: formas do subjuntivo sendo usadas para emitir o modo imperativo, como é possível verificar em (49):

(49)

No exemplo (49), o subjuntivo aparece para introduzir uma sentença subordinada. Ao invés de projetar uma situação hipotética, tal modo verbal acaba configurando um pedido modalizado (*decem – dessem*). Há uma referência direta a alguns interlocutores por meio do pronome de tratamento *vocês* (*vcs*); um desejo expressado pela *hashtag* *#gostariaque*; e finalmente um pedido explícito com tom de polidez, codificado pelo verbo *dar* no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ao fazer uso do subjuntivo, então, espera-se que o indivíduo expresse situações imaginárias, as quais não necessariamente venham a se tornar realidade. Tal modo verbal é uma ferramenta gramatical que constrói espaços contrafactuais, de possibilidade, e de pedido modalizado, como foi analisado anteriormente. O que vai definir qual EM é ativado no discurso não se resume apenas ao modo, mas também ao tempo, aspecto, e às combinações linguísticas presentes no texto produzido pelo sujeito falante.

Portanto, fica evidente que todo o contexto comunicativo é importante para a produção do sentido: quem são os interlocutores, quais expressões linguísticas foram utilizadas, qual o meio sociocultural dos falantes. O que será discutido agora são as construções mais prototípicas para o PB e para o PE, ou seja, quais usos se mostram mais frequentes.

3.5. Os protótipos: diferentes usos para o PB e PE

Nesta seção, discutiremos que a frequência dos usos das *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque* refletem protótipos para o PB e PE. Em outras palavras, tais expressões linguísticas funcionam tipicamente para ativar espaços mentais nessas duas variantes da

língua portuguesa. Para entender o conceito de protótipo, é necessário primeiramente apresentar como a categorização influencia, e muito, como os seres humanos processam cognitivamente o mundo. Em seguida, serão introduzidos os resultados quantitativos que ilustram quais espaços mentais são prototipicamente construídos pelas *hashtags* em análise.

3.5.1. Categorização e prototipia

Ao pensar em categorização, comumente se analisa como o léxico é formado sob um prisma cognitivo. Discute-se muito sobre a capacidade cognitiva humana de categorizar o mundo, criando classificações mentais para que os conceitos sejam compreendidos e armazenados, isto é, o léxico está atado às realizações culturais e nocionais, uma vez que, como já foi comentado, o contexto sociocultural não influencia apenas a produção linguística, mas também a percepção do mundo. Nos termos de Rosch; Lloyd (1978, p. 28)

Deve ser notado que as questões de categorização com as quais nós estamos principalmente preocupados tem a ver com explicar as categorias encontradas em uma cultura e codificadas pela linguagem dessa cultura em um momento particular do tempo. Quando nós falamos sobre a formação de categorias, nós nos referimos à sua formação na cultura. (tradução nossa)⁷⁵

Categorizar seria, então, um processo cognitivo que cria categorias para que as coisas do mundo sejam encaixadas e processadas mentalmente pelos indivíduos. Tal estratégia de processamento está relacionada à atenção, memória e percepção. Dito de outro modo, os sentidos humanos (audição, olfato, paladar, tato e visão) percebem a realidade, a qual é decodificada cognitivamente com a ajuda da atenção e da memória. Cabe ainda ressaltar que o mundo é percebido também com as influências socioculturais às quais os seres humanos estão submetidos.

⁷⁵ “It should be noted that the issues in categorization with which we are primarily concerned have to do with explaining the categories found in a culture and coded by the language of that culture at a particular point in time. When we speak of the formation of categories, we mean their formation in the culture.”

Há dois princípios que norteiam a categorização: a economia cognitiva e a estrutura de mundo percebido. A primeira se relaciona com o mínimo esforço para armazenar a maior quantidade de informação possível, porém, com um nível menor de discriminação, diferenciando apenas o que é relevante para a categoria em questão. O segundo faz referência à percepção humana de que o mundo possui uma estrutura correlacional, ou seja, os objetos possuem atributos complexos⁷⁶ que podem ser percebidos pelos seres humanos.

O processo de categorizar envolve também uma dimensão vertical e outra horizontal na estrutura das categorias. A dimensão vertical abrange termos mais e menos abstratos, como hiperônimos e hipônimos⁷⁷. Já a dimensão horizontal apresenta a noção de prototipia, a qual é fundamental para o presente trabalho. As “Categorias de exemplares, construídas por meio da experiência (em vários domínios), exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria (...).”⁷⁸, isto é, os membros de uma mesma categoria podem ser mais centrais ou mais marginais.

De acordo com Rosch; Lloyd (1978, p. 37), “Por protótipos de categorias nós geralmente nos referimos aos casos mais claros de inscrição definidos operacionalmente pelos julgamentos das pessoas de melhor associação na categoria.”⁷⁹. Logo, um protótipo é um elemento da categoria que mais a ilustra claramente. Quanto mais um componente é prototípico, mais características em comum ele possui com os outros componentes dessa mesma categoria e menos atributos ele possui em relação aos elementos de outras categorias.

Além disso,

Entre protótipos e fronteiras categoriais há membros intermediários, organizados em termos de uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial. (FERRARI, 2014, p. 41)

⁷⁶ No exemplo de Rosch & Lloyd (1978, p. 29): ao perceber os atributos complexos de penas, peles e asas, o ser humano empiricamente nota que asas ocorrem mais com penas do que com peles.

⁷⁷ Para ilustrar tal relação é possível citar o seguinte exemplo: o termo *animal* é hiperônimo de *cachorro*. A expressão *pastor alemão* é hipônimo de *cachorro*.

⁷⁸ BYBEE (2016, p. 131).

⁷⁹ “By prototypes of categories we have generally meant the clearest cases of pry membership defined operationally by people’s judgments of goodness of membership in the category.”

O importante é observar que há uma graduação que ajuda a orientar o elemento mais ou menos prototípico. Então, pode-se postular a existência de um *continuum*, uma vez que não se nota categorias puramente fechadas e determinadas. Outrossim, o protótipo se confunde com a própria categoria da qual ele faz parte, pois é o componente que mais bem a representa. Ele é um modelo, um exemplar, e é sensível à cultura, devido à influência do ambiente sociocultural na compreensão do mundo.

Ao assumir a relação entre cognição e gramática é que “se assenta a noção de protótipo, muito importante no aparato funcionalista, decorrente da admissão da existência de vaguidade nos limites entre categorias.”⁸⁰. Mais uma vez, é importante reforçar que tais limites não são totalmente claros, o que justifica um *continuum* no conceito de protótipo. Afirmar a prototipia também é considerar a frequência com a qual o protótipo ocorre no discurso. A análise do *corpus* permitiu identificar números consideráveis das *hashtags*, que apontam para usos específicos no PB e PE, como será apresentado na seção seguinte.

3.5.2. Os usos do PB e do PE

Nesta seção, será discutida uma breve análise quantitativa. Primeiramente, deve ser comentado o total de ocorrências das *hashtags*. Nota-se a pouca diferença em relação ao número de ocorrências: do total de *tweets* selecionados para o trabalho (206), 51% apresentaram a *hashtag* *#gostavaque* (106 ocorrências), enquanto 49% contiveram *#gostariaque* (100 ocorrências). É importante destacar novamente que o uso de *#gostariaque* foi visto apenas em falantes brasileiros, enquanto *#gostavaque* foi expressada por falantes portugueses. Tais números servem principalmente para apontar o equilíbrio na coleta dos dados, uma vez que houve uma diferença mínima na quantidade das ocorrências.

Ampliando o conceito de prototipia para o discurso, mostra-se necessário explicar que os protótipos linguísticos manifestados no ato comunicativo envolvem também a percepção do mundo, ou seja, do contexto sociocultural no qual o falante está inserido. Escolher o uso

⁸⁰ NEVES (2016, p. 22).

frequente de uma *hashtag* em detrimento de outra é uma forte evidência para considerar que tal expressão linguística é vista pelos interlocutores como um exemplar, como um elemento comum e central de determinada categoria.

Além disso, como bem aponta Bybee (2016, p. 132)

Dado que construções são objetos linguísticos convencionais, e não objetos naturais que inerentemente compartilham características, parece que a frequência de ocorrência pode influenciar significativamente a categorização na língua. Considerando também que usar uma língua é uma questão de acessar representações estocadas, aquelas que são mais fortes (as mais frequentes) são acessadas mais facilmente e podem, então, ser mais facilmente usadas como base para a categorização de itens novos.

A frequência, então, é um fator extremamente importante quando se trata de categorias e protótipos, já que ela carrega evidências de um processamento cognitivo, o qual enxerga as construções linguísticas como mais ou menos exemplares, mais ou menos semelhantes. Analisar o uso das *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque* sob uma visão de protótipos é refletir quais espaços mentais são mais frequentemente construídos por tais expressões linguísticas, ou seja, quais funções são mais atribuídas a essas duas formas.

O gráfico 1 a seguir evidencia quais espaços mentais são mais ou menos ativados por *#gostariaque* no PB:

Gráfico 1: Porcentagem dos EM ativados por #gostariaque.

Como mostrado no Gráfico 1, a *hashtag* usada pelos falantes brasileiros majoritariamente projetou a contrafactualidade forte, isto é, situações totalmente incompatíveis com o mundo real. Em seguida, nota-se a ativação de pedidos modalizados, com um tom de cortesia atrelado ao requerimento. Por fim, com pouca diferença, espaços de contrafactualidade fraca e possibilidade foram construídos com menor frequência. Os resultados quantitativos apontam para um uso prototípico da *hashtag* #gostariaque como construtora de espaços mentais contrafactuais fortes.

Ao olhar para o Gráfico 1, os números obtidos acabam ilustrando usos reais do PB, ou seja, o que foi veiculado na rede social *Twitter*. Para falantes brasileiros, então, a *hashtag* #gostariaque é um modelo para construir mundos totalmente incompatíveis com a realidade, ou melhor, espaços mentais contrafactuais fortes. O futuro do pretérito é uma ferramenta linguística prototípica para a ativação de condicionais, e no caso do PB, atrelado ao verbo *gostar*, serve como pistas de um processamento cognitivo contrafactual.

Quanto ao número de pedidos modalizados (28%), nota-se que essa função se mostra recorrente para a *hashtag* #gostariaque, mas não tanto quanto as construções contrafactuais. Seria possível, em trabalhos posteriores, investigar por que a contrafactualidade está muito

mais atrelada a *#gostariaque*.

O segundo gráfico indica os números de ocorrências relacionados à ativação de EM por meio de *#gostavaque*:

Gráfico 2: Porcentagem dos EM ativados por *#gostavaque*.

O Gráfico 2 é bastante diferente do Gráfico 1, o que revela usos exemplares diversos para o PB e o PE. Nota-se inicialmente que a *hashtag #gostavaque* também projeta mais contrafactualidade forte do que fraca. O que vale destacar, em relação ao evento contrafactual, é a frequência: para o PB, 59% dos casos apresentam a ativação de eventos contrafactuais fortes – por meio de *#gostariaque*, enquanto no PE, apenas 39% constroem a contrafactualidade. Apesar de no PE igualmente se verificar EM contrafactuais fortes como os mais recorrentes, os dados do Gráfico 2 apontam para mais de um único uso prototípico⁸¹. É possível propor, então, que a *hashtag #gostavaque* se mostra um modelo com funções

⁸¹ Em outras palavras, a *hashtag #gostavaque*, combinada com outros elementos presentes no contexto linguístico, é capaz de construir, tipicamente, espaços mentais distintos. Não se evidencia um único uso mais prototípico, mais comum, mais exemplar, mas sim uma mistura de noções semânticas: ora mais contrafactual, ora menos.

frequentes variadas: ora servindo para ativar a contrafactualidade forte (39%), ora a modalização de pedido (28%), ora a possibilidade (26%).

Na sequência, há uma quantidade similar de espaços de possibilidade e de pedidos modalizados. A incidência desses dois tipos de EM revela que eles são funções que competem intensamente com a contrafactualidade no critério frequência no PE. Tal fato difere do que ocorre no PB: EM contrafactuais são claramente mais ativados por *#gostariaque*.

Outro ponto que chama atenção no Gráfico 2 é a frequência mínima de *#gostavaque* para construir espaços contrafactuais fracos. Esses números baixos indicam que a contrafactualidade fraca não é tipicamente construída pela *hashtag* em análise. Provavelmente, os falantes portugueses usam outras ferramentas linguísticas para acionar eventos desse tipo, as quais não foram o foco do presente trabalho, e por isso não foram investigadas.

Ao comparar os tipos de espaços mentais, é possível identificar com maior clareza os usos prototípicos das *hashtags* para o PB e PE. Observemos o Gráfico 3:

Gráfico 3: Contrafactualidade forte.

O Gráfico 3 tomou como base a quantidade de sentenças contrafactuais fortes.

Selecionando apenas os *tweets* com esse tipo de contrafactualidade, foi possível ilustrar que os espaços mentais contrafactuais fortes são mais ativados pela *hashtag* *#gostariaque* do que por *#gostavaque*. Os dados numéricos devem ser considerados, pois a frequência de uso aponta para expressões que são mais ou menos prototípicas na língua portuguesa: para o PB, as ocorrências de *#gostariaque* indicam mais claramente a prototipia para EM de contrafactualidade forte do que para o PE, no qual se usa *#gostavaque*. Como já foi comentado anteriormente, situações contrafactuais fortes se mostram mais recorrentes no PB do que no PE, logo, há um uso mais prototípico da *hashtag* *#gostariaque* para ativar esse tipo de EM.

Em relação à contrafactualidade fraca, o Gráfico 4 mostra que, nos *tweets* selecionados, a mesma quantidade de espaços contrafactuais fracos foi ativada por ambas *hashtags*:

Gráfico 4: Contrafactualidade fraca.

Tanto no PB quanto no PE, apenas 7% de todos os *tweets* apresentou a ativação de espaços contrafactuais fracos. Por isso, ocorre no Gráfico 4 um equilíbrio numérico: a mesma

incidência de uso aponta para uma similaridade no funcionamento linguístico de ambas variedades, uma vez que destaca exatamente a recorrência baixa de tal EM sendo construído por meio das *hashtags*. Outrossim, fica claro que as contrafactuais fracas não são condicionais prototipicamente acionadas por *#gostariaque* e *#gostavaque*.

O terceiro tipo de espaço mental analisado foi o de possibilidade. No Gráfico 5 a seguir, a diferença de usos das *hashtags* apontam para o protótipo de *#gostavaque* para o PE:

Gráfico 5: Espaço de Possibilidade.

Para construir o Gráfico 5, tomou-se como base somente os dados que possuíam EM de possibilidade. Os resultados obtidos ao se colocarem lado a lado PB e PE se mostram consideráveis. Como ilustrado, no PE há uma construção mais saliente (81%) de espaços mentais de possibilidade, quando comparado ao PB, ativação esta que pode ser produzida pelo uso de *#gostavaque*. Já para o PB, apenas 19% dos *tweets* com eventos possíveis foram ativados com *#gostariaque*. Fica claro, então, que EM de possibilidade são construídos recorrentemente com o uso da *hashtag* *#gostavaque*.

Por fim, os pedidos modalizados apresentam uma frequência parecida tanto no PB quanto no PE:

Gráfico 6: Pedidos Modalizados.

O Gráfico 6 considerou os dados que continham essencialmente a modalização de pedidos. Novamente, nota-se nesse caso um uso bastante equilibrado das *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque* para veicular de modo semelhante as solicitações: no PB e no PE a frequência dessas expressões linguísticas com valor de requerimento é próxima. Há, assim um comportamento cognitivo similar para as variedades PB e PE: os falantes brasileiros e portugueses assumem as *hashtags* como construtoras exemplares de espaços mentais de pedidos. Vale ressaltar que, como indicado no Gráfico 1 e 2, essa função da *hashtag* compete com a contrafactualidade com intensidades diferentes no PB e PE.

Analisar as *hashtags* dentro de suas variedades (PB e PE) é um primeiro passo para tentar compreender o fenômeno cognitivo dos espaços mentais. Ao contrastar as funções ativadas por *#gostariaque* e *#gostavaque*, fica evidente que a língua portuguesa apresenta caminhos linguísticos diferentes para ativar os mesmos tipos de EM, e a frequência desses

revela quais construções linguísticas são mais ou menos exemplares para expressar a contrafactualidade, possibilidade e o pedido modalizado.

Em suma, o que deve ser depreendido dessa análise quantitativa é que ambas as *hashtags* ativam prototipicamente espaços mentais contrafactuais fortes, justamente pela saliência de tal uso linguístico no PB e PE. Para o PE, *#gostavaque* compete acirradamente com espaços de possibilidade e de pedidos modalizados, uma vez que, ao comparar os *tweets* com esses EM, as três funções se mostram salientes nessa variedade da língua portuguesa. As diferenças linguísticas apontam para caminhos cognitivos mais ou menos prototípicos no PB e o PE, como foi discutido nesta seção.

CONCLUSÃO

Ao longo do presente trabalho, discutiu-se sobre a relação entre linguagem e cognição. O recorte teórico apresentado considera fortemente a importância do processamento cognitivo para a compreensão do mundo ao nosso redor. Ademais, é a partir do contexto sociocultural no qual estamos inseridos que somos capazes de interpretar a realidade e de usar a língua ao nosso alcance para nos expressarmos. Portanto, os valores morais, as experiências sociais e a percepção sensorial moldam todo o aparato linguístico que é decodificado mentalmente.

Pensando no meio digital, os usuários do *Twitter* contam com ferramentas extralinguísticas que ajudam a expressar críticas, desejos, comentários, notícias, enfim, uma série bastante diversificada de informações na rede. Os *emoticons* e *emojis* representam uma forte evidência do sentido que se quis produzir no momento da publicação do *tweet*, uma vez que ilustram sentimentos, por exemplo, que os interlocutores sentiram ao postar.

Além disso, é de suma importância destacar que a produção do sentido envolve fatores linguísticos e extralinguísticos, como a relação entre os interlocutores, onde o texto foi veiculado, o meio sociocultural do sujeito falante, qual escolha linguística foi tomada pelo indivíduo, a presença de *emojis* ou *emoticons*. Todos esses itens contribuem como pistas para analisar o processamento cognitivo, o qual não é visível para os seres humanos.

Para conseguir entender como a cognição consegue processar a linguagem, a Teoria dos Espaços Mentais foi discutida e aplicada na análise do *corpus*. Foi possível verificar que ao longo do ato comunicativo diversos espaços são acionados e correlacionados, os quais funcionam para retomar eventos passados, introduzir situações presentes ou também projetar circunstâncias futuras, sendo essas todas possíveis ou não. É por meio de EM que os falantes conseguem organizar o discurso e expressar o que eles querem. Daí decorre a importância dos *frames*, os quais são estruturas mentais que enquadram e organizam o nosso *background*, isto é, o conhecimento sociocultural adquirido ao longo da vida. Os *frames* funcionam, então, como um meio de ativar o conteúdo semântico das sentenças.

Ao olhar atentamente para as *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque*, verificou-se que essas duas expressões linguísticas ativam espaços diferentes:

- Espaços mentais contrafactuais são aqueles que projetam situações incompatíveis com a realidade, ou seja, que não correspondem com o mundo do falante. O tipo de contrafactualidade pode variar, indo da mais forte para a mais fraca. A diferença da força contrafactual se baseia em quanto o evento ativado carrega incompatibilidade com a situação real;
- Espaços de possibilidade podem ser construídos pelas *hashtags*, havendo, nesse caso, a projeção de eventos futuros compatíveis com a realidade, isto é, que possuem chances de se tornarem reais;
- Pedidos modalizados podem ser um outro tipo de EM ativado pelas *hashtags* em questão. Tal espaço acaba evidenciando como a modalização é importante para o discurso, uma vez que a polidez, por exemplo, é uma ferramenta responsável pela proteção da face do falante e do interlocutor. Para o sujeito falante, o tom de polidez facilita a construção de uma imagem educada, cortês, a qual é vista positivamente pela sociedade. Para o interlocutor, receber um pedido modalizado evita que o indivíduo se sinta pressionado e/ou constrangido a fazer algo, fato que pode favorecer a realização do requerimento.

Vale acrescentar também que a frequência dos diversos usos das *hashtags* aponta para o conceito de prototipia: tais expressões linguísticas possuem o papel de carregar funções mais exemplares do que outras, ou seja, escolher uma forma em detrimento de outra indica que a preferência do sujeito não é aleatória, mas sim baseada no que a comunidade de falantes considera como mais usual, como modelo de utilização linguística.

O sentido prototípico de *#gostariaque* e *#gostavaque* seria decodificar espaços contrafactuais fortes. Contudo, cabe ressaltar que, para o PE, espaços de possibilidade e de pedidos modalizados se mostram frequentemente associados à *hashtag* *#gostavaque*, o que pode indicar uma outra função saliente dessa forma. A diferença prototípica evidencia que as variedades da língua portuguesa não usam as mesmas expressões justamente por não encontrarem as mesmas funções veiculadas a elas.

Para entender melhor o funcionamento da contrafactualidade, seria interessante investigar quais outras formas acionam tal espaço mental, verificando a frequência de uso, bem como o grau contrafactual que é ativado. Caberia, por exemplo, ampliar o estudo para outras variedades da língua portuguesa, buscando atingir uma visão linguística mais global.

Um outro possível desdobramento da pesquisa seria analisar a construção da possibilidade, pensando em estratégias linguísticas que especificamente projetam tal conceito, além das *hashtags* *#gostariaque* e *#gostavaque*. Ao comparar as diferentes expressões e como elas são usadas pelos falantes, haveria indícios de *hashtags* mais ou menos prototípicas para ativar EM de possibilidade.

Quanto aos pedidos modalizados, estudar a modalidade sob a perspectiva dos espaços mentais se mostrou coerente. Modalizar é uma ferramenta linguística que é processada pela cognição. Tal processamento é gerenciado por meio de espaços mentais, os quais organizam não só o evento de pedir – armazenado e fornecido pelos *frames* –, como também a modalização usada pelo falante em seu enunciado. Logo, propor a classificação de espaços mentais de pedido nada mais é do que compreender o fenômeno linguístico como uma parceria entre cognição e contexto sociocultural.

Torna-se evidente, então, que a língua não serve apenas para trazer pistas do processamento cognitivo, mas também para guiar escolhas dos falantes de acordo com o que se considera mais usual dentro do contexto sociocultural. É na linguagem e por meio dela que os seres humanos são capazes de se configurar como sujeitos, de estabelecer relações com outras pessoas, de assumir funções que dependem das associações feitas com outros indivíduos. Não basta apenas olharmos para sentenças inventadas e tentar compreender o funcionamento linguístico, é essencial atentar para o que é, de fato, usado por quem mais entende de linguagem: os próprios falantes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Tatiana. *A ordem por trás do pedido: análise do termo “favor” como estratégia de polidez linguística para performativos de ordem indiretos*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://rd.ufffs.edu.br:8443/handle/prefix/664>
- ARAUJO, Ronaldo Ferreira de. O twitter como dispositivo de mediação da informação em períodos eleitorais. In: *VI Seminário em Ciência da Informação – SECIN*, Londrina, PR, 2016. Anais (online). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306291860_O_TWITTER_COMO_DISPOSITIVO_D_E_MEDIACAO_DA_INFORMACAO_EM_PERIODOS_ELEITORAIS_THE_TWITTER_AS_A_MEDIATION_DISPOSITIVE_OF_INFORMATION_DURING_ELECTORAL_CAMPAIGN?enrichId=rgreq-103dccbd4746207d248a530395ed19c0-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMwNjI5MTg2MDtBUzozOTY4MDQwNTYyMDczNjBAMTQ3MTYxNjg2Nzc3OA%3D%3D&el=1_x_2&esc=publicationCoverPdf
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CABRAL, Leonor Scliar. Linguagem e Cognição no Processamento Verbal. In: MIRANDA, N.S., NAME, M. C. (orgs.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. PP. 211-219.
- CARVALHO, Flaviane. Comunicação de novas tecnologias: contribuições da abordagem multimodal para a análise dos significados sociais construídos por layouts de websites. In: *II Congreso Internacional Comunicación 3.0*. Universidad de Salamanca, Salamanca, 2010.
- CASSIER, Ernst. *An essay on man: An introduction to a philosophy of human culture*. New York: Doubleday, 1944.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 3.ed.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mental Spaces*. Publicação eletrônica disponível em:
<http://www.cogsci.ucsd.edu/~faucon/BEIJING/mentalspaces.pdf>

FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve. *Spaces, worlds, and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para a internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011. 1.ed.

FONSECA, Antoniela; MACHADO, Edna S.; PEREIRA, Janaína da S.; TRINDADE, Lauren G. L.; RIBEIRO, Marislei da S. Como as informações e comentários nas redes sociais pautam as notícias: análise da hashtag #somostodosmaju. In: *XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Curitiba, PR, 2016.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior*. Harmondsworth: Penguin, 1967.

GUIMARÃES, Luciano. Percepção das cores e da cultura. In: *XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM/96*.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social Semiotics*. Cambridge: Polity, 1988.

IBAÑEZ, Roberto. El Contexto del Evento Verbal. In: *I Congresso de Interação da ALFAL*, 1990.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato (2008a). O verbo. ILARI/ NEVES (orgs. 2008: 163- 370).

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar*. New York: Norton, [1924], 1965.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London & New York: Routledge, 1996.

KRIPKE, Saul. A puzzle about belief. IN: MARGALIT, A. (ed.). *Meaning and Use*. Dordrecht: Reidel, 1979.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Das cadências musicais para o ritmo linguístico: uma análise do ritmo linguístico do português arcaico, a partir da notação musical das *Cantigas de Santa Maria*. In: *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 1, p. 9-26, jan./jun. 2008

MIRANDA, Neusa Salim. Modalidade: o Gerenciamento da Interação. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. (orgs). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. pp. 171- 195.

- MODESTO, Artarxerxes Tiago Tacito. *Processos Interacionais na Internet: Análise da Conversação Digital*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- MORO, Gláucio Henrique Matsushita. *Emotiocons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas*. In: *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 17, n. 43, p. 53-70, set. /dez. 2016
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco Toledo. O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 28, p. 199-216, dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014217911>
- REICHENBACH, Hans. *Elements of Symbolic Logic*. Nova York: Macmillan, 1947.
- ROSCH, Eleanor. LLOYD, Barbara B. (eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.
- ROXO, Maria do Rosario. Condutas sociais em construções condicionais preditivas, epistêmicas e pragmáticas no discurso jurídico oral. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (1): p. 133-142, jan-abr 2011.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 1985.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. Contexto e cognição. In: VAN DIJK, T. A. (org). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*. New York: Routledge, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – Ocorrências de #gostariaque

	12 de ago de 2015	▼
	#gostariaque bioquímica fosse fácil !	
	23 de set de 2014	▼
@Pra_Ezenete	#gostariaque#pastora#viesse#nossacidade#congressodeintercessa#meuemail:renathamfernandes@gmail.comounumero(93)9187-3591.	
↩ 1	↻	♥
	13 de ago de 2014	▼
	#GostariaQue o cliente só entrasse com o dinheiro.	
↩	↻	♥
	6 de mai de 2014	▼
	#gostariaque tudo fosse um sonho que a realidade nunca batesse em minha porta#praque tbm viver sonhando se uma hora vc acorda kkkkk	
↩	↻	♥ 1
	11 de fev de 2013	▼
	#GostariaQue meu TT tivesse o selo.	
↩	↻ 2	♥

15 de out de 2012

#GostariaQue houvesse um dia para praticarmos a tolerancia.Seria transformador.

6 de set de 2012

#GostariaQue uma pessoa ai voltasse pra igreja :|

6 de set de 2012

#GostariaQue TUDO DESSE CERTO... (Y)

22 de mai de 2012

"@ofail: #GostariaQue meu amor tivesse aqui agora ❤️"

21 de mai de 2012

#GostariaQue ela estive-se ao meu lado.

21 de mai de 2012

#GostariaQue eu tivesse muitos chocolates

	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	Estive-se muito calor.	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	Eu pudesse conseguir dormir cedo ;)	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	que voocês dois parace com indiretas e se resolvessem logo né	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	eu ficasse de ferias o ano inteiro e dois meses de aula ;)	
↩	↻ 2	♥
	21 de mai de 2012	▼
#Gostariaque a @caccahs	fosse minha irmazinha s2	
↩ 1	↻ 1	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	pai e mao e vó fossem eternos ^^	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	você sumisse pfvr	
↩	↻ 2	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	eu estive-se ai com você abraçadin *-*	
↩	↻ 1	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	o meu rei tivesse aq cmg :99	
↩	↻ 1	♥

	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	você me amasse como eu te amo.	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	eu fosse lindo ><	
↩	↻	♥
I	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	o @Felipe_Mowra parasse de teimar comigo kkkkk	
↩	↻	♥
	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	tudo fosse diferente , mais facil !	
↩	↻	♥
	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	chovesse dinheiro no meu quintal	
↩	↻ 1	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	cada 1 de vocês me doassem 1 real ><	
↩	↻ 2	♥
I	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	hoje nao tivesse aula	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	voces me amassem menos	
↩	↻	♥
I	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	o @QUEROSERVLOGGER fosse meu vizinho kkkkkkkkkk -nn	
↩ 1	↻	♥

- 21 de mai de 2012

#GostariaQue minha vida fosse mais fácil ;/

- 21 de mai de 2012

#Gostariaque voce estive-se do meu lado

- 21 de mai de 2012

#GostariaQue vc estivesse aki comigo agora

1
- 21 de mai de 2012

#GostariaQue o @ViniciusCossta parasse de ser bonito

1
- 21 de mai de 2012

#GostariaQue amanha fosse sexta-feira

1
- 21 de mai de 2012

@ofail #Gostariaque vacas desses leite achocolatado qentinho na hora u_u

- 21 de mai de 2012

#GostariaQue o @ricks_antos me desse chocolate kkkkkkkkkk

		21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	—	você me seguisse! :)	
↩	↻	♥	
		21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue		amanhã não tivesse aula :D	
↩	↻	♥	
		21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue		voce me beija-se agora	
↩	↻ 2	♥	
		21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue		eu e voce acordassemos juntos na mesma cama *.*	
↩	↻ 1	♥	
		21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue		suas amiguinhas moressem por acidente ;) +1	
↩	↻	♥	

	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	você me amasse..	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	amanhã fosse Sexta-Feira ! *..*	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	vcs me decem atenção	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	eu pudesse me teletransportar pro lado do @fulano	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	suas amiguinhas moressem por acidente ;)	
↩	↻ 2	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	eu pudece te beija na frente de todos.	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	as pessoas fossem mais verdadeiras.	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	Tivesse alguém me esquentando :3	
↩ 1	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	hoje nao tivesse aula' >i<	
↩	↻	♥

	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	tudo fica se bem pra você chata
#GostariaQue	você estaria aqui
#GostariaQue	uma pessoa me compreendece.
#GostariaQue	sexta chegasse logo.
#GostariaQue	Não tivesse aula essa semana u.u
#GostariaQue	eu não tivesse que ir ao medico amanhã! kkkk'
#GostariaQue	amanhã fosse sexta-feira '-'	2

	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	acabasse o programa do Jo	
↩	↻	♥
	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	meu amor voltasse pra mim e me perdoasse	
↩	↻	♥
	21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	Amanhã Fosse Sexta-Feira	
↩	↻	♥
	· 21 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	não tivesse aula o resto da semana	
↩	↻	♥
	· 16 de mai de 2012	▼
#GostariaQue	hoje e todos os dias eu possa estar sempre ao lado do meu amor @JunioSantoos s2 '	
↩	↻ 1	♥
	23 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	: pessoas amadas não tivesse que #partir :(	
↩	↻	♥
	20 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	as coisas que planejo antes de dormir, acontecessem.	
↩	↻	♥

- 20 de mar de 2012

#GostariaQue meu sonho virasse realidade

- 20 de mar de 2012

#GostariaQue As pessoas fossem mais humildes , no freestyle principalmente ! Quem achar isso tbm dá #RT

- 20 de mar de 2012

#GostariaQue você estivesse aqui :(

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue meu m.a tivesse na minha escola novamente :(

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue você nunca soubesse da minha vida.

- 19 de mar de 2012

RT"@bartuiteiro:#GostariaQue as pessoas usassem o bom senso e fizessem o uso de fones de ouvido em locais compartilhados com outras pessoas."

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue a minha @AmandaLovato3 tivesse aqui e meu fofinho tbm e minha melhor amiga nathi ❤️

1

	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	ele voltasse >.< ;/	
↶	↷	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	meus sonhos virassm realidade *-*	
↶	↷	♥
	· 19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	· você mi amasse como eu ti amo.	
↶	↷	♥
	· 19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	· nao tivesse prova essa semana, e que acabasse esse calor	
↶	↷	♥
	! · 19 de mar de 2012	▼
#gostariaque	! amanha nao tivesse aula	
↶	↷	♥
	· 19 de mar de 2012	▼
#gostariaque	· amanha fosse 25/09	
↶	↷	♥
	! · 19 de mar de 2012	▼
#gostariaque	! a katy tivesse aqui	
↶	↷	♥
!	· 19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	o vasco fosse campeão carioca, brasileiro e da libertadores	
↶	↷ 2	♥

- 19 de mar de 2012

#gostariaque é tendência em #PortoAlegre trendsmap.com/br/porto+alegre

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue O Vasco ganhasse a libertadores =)

- 19 de mar de 2012

@pregadoraLuz → #GostariaQue as pessoas se espelhassem mais em JESUS CRISTO do que em homens, que mentem, falham e iludem. (+1)

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue você estivesse sempre ao meu lado @__BarbieMorena <3

1
- 19 de mar de 2012

#GostariaQue a @bia_adonis tivesse akiee cmg :/// .. @bia_adonis ty amoooo

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue meu marido flamenguista fosse vascaino kkkkk

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue o @_rodriguescris tivesse aqui coomigo :)

1 1
- 19 de mar de 2012

#GostariaQue os programas de tv fossem mais interessantes aos domingos.

- 19 de mar de 2012

#GostariaQue me contratassem pra trabalhar em uma ótima empresa. De preferência no exterior.

	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	voce fosse meu.	
↩	↻ 1	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	o Restar nunca mais voltasse do México.	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	o @pegueopomboagr me amasse de verdade :)	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	você estivesse aqui comigo agora :D	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	ngm se intrometesse na minha vida .	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	a TEKPIX fosse a filmadora mais vendida do mundo.'	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	os funkeiros usassem fones de ouvido :D	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	Tuudo aquilo repetisse ><'	
↩	↻	♥
	19 de mar de 2012	▼
#GostariaQue	o @1exdrogado acreditasse mais em mim :)	
↩	↻	♥

ANEXO B – Ocorrências de *#gostavaque*

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue estivesse comigo, aqui e agora.

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue as arbitragens fossem isentas de parcialidade

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue O @SLBenfica ganhasse

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue o @SLBenfica me desse o 35 #35táTudoAP3n5arNoM35mo #DaMeO35 #CarregaBenfica

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue que o Porto estivesse agora a decidir o título
1 1	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue pusesse wi-fi em todos os lugares do mundo

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue soubesse o que sinto por ti

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue me olhasses como o se eu fosse a única deste mundo
1 1	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue a guerra acabasse...POR FAVOR 🙏😭💔👍

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue o Sporting fosse campeão hoje!! P.S: Sou Portista 🙌💙👊🔵⚪
1	

	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	sem duvida o benfica empatasse	
↩	↻ 1	♥ 1
I	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	o Somos Portugal e o Love on Top terminasse	
↩ 1	↻ 2	♥ 3
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	viesses comigo às Sebastianas 🤔🌞🎉	
↩	↻ 6	♥ 1
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	o Benfica perdesse	
↩ 1	↻ 5	♥ 3
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	os fillers do naruto acabassem	
↩	↻	♥ 1
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	a minha stora adiasse o teste de amanhã	
↩	↻ 1	♥ 1
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	muitas pessoas se explodissem	
↩	↻	♥
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	me tirassem daqui literalmente	
↩	↻ 1	♥
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	@PanicAtTheDisco viessem a Portugal. @everythingisnew estamos à muitos anos a espera	
↩	↻	♥

15 de mai de 2016

#GostavaQue tudo fosse mais fácil

↻ 3

♥ 2

15 de mai de 2016

#GostavaQue parassem de tweetar sobre futebol !!

1

↻ 3

15 de mai de 2016

#GostavaQue já estivessemos nas Sebastianas 🌶️🔥🐷 TOP

↻ 9

♥ 1

15 de mai de 2016

#GostavaQue o sporting fosse campeão ♥♥

#DiaDeSporting #EuQueroOSportingCampeao

15 de mai de 2016

#GostavaQue todos os meus sonhos e os meu objetivos fossem alcançados

↻ 7

♥ 2

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue parassem de criticar o modo de se vestir das pessoas. É um direito delas! 🙌	
👤 ↺️ ❤️	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue todas as mães fossem imortais 😞	
👤 ↺️ 1 ❤️	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue me dissessem o nome do filho da puta que inventou a escola	
👤 ↺️ 9 ❤️ 1	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue deixasses de ser como és 😞	
👤 ↺️ ❤️	
15 de mai de 2016	▼
#gostavaque fosses meu	
👤 ↺️ ❤️	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue tivesses cumprido a promessa... dessa forma sabias o que se passava	
👤 ↺️ 2 ❤️ 1	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue o twitter e o snap não me sugassem a bateria toda do tlm	
👤 ↺️ ❤️ 1	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue existissem telemóveis com bateria infinita. Iria dar imenso jeito	
👤 ↺️ 2 ❤️ 1	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue de uma vez por todas, viesses falar comigo e que resolvêssemos as coisas. 😊	
👤 ↺️ 6 ❤️ 4	

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue neste mundo deixa-se de existir preconceituosos

1

3

1

15 de mai de 2016

#GostavaQue acordasse rica amanha

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o meu OnePlus One chegasse ainda esta semana <3

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o crush me notasse 🙄🙄

1

2

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o gajo do OLX se despachasse a responder-me porque estou a tentar comprar-lhe o caralho do tlm e as respostas dele duram 5 dias.

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue O BENFICA FOSSE CAMPEÃO CRL ❤️❤️ #rumoaotri
#rumoa35 #carregabenfica

1

15 de mai de 2016

Só para ser diferente de todos que só falam de futebol, #GostavaQue o MC Maromba fosse atropelado por uma carrinha do leite

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue me levassem a uma pista de gelo

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue o Sporting fosse CAMPEÃO!!!

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue o verão viesse mesmo no verão e não no inverno (se é que me entendem)
1 2	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue as pessoas falsas tivessem logo castigo

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue o nacional goleasse o Benfica
1 5	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue tivesse altas colunas para irritar os vizinhos com música aos berros 🤪👉

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue já fosse verãp
2 2	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue já estivesse de férias
1 2	

15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	alguem me ensinasse hip hop
↩	↻ 1
♥	2
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	pudesse ir ao cinema sem pagar 🤔👉
↩	↻
♥	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	houvesse mais casamentos e batizados para ir ahaha
↩	↻
♥	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	tivesse mais horas no dia para ver séries e filmes ahaha
↩	↻ 1
♥	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	as lojas já tivessem em saldos!!
↩	↻
♥	
15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	a novela A Única Mulher acabasse em breve e com um final feliz
↩	↻
♥	1

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue a monografia se fizesse sozinha

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue As Pessoas Parassem De Me Desiludir.

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue certas pessoas desaparecessem do mundo.

2
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue abrisse os olhos

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o SPORTING fosse campeão

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o Benfica fosse tricampeão ❤️

4
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue ela deixasse de ter vergonha '0102 🙄❤️

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o Sporting fosse campeão

1
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue muita coisa fosse diferente

5
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue pudesse comer e não engordar !!

4 1

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o Benfica ganhasse hj 🍊🍊❤️❤️

4
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue tivesses aqui, ao meu lado, e não aí

4 4
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue não vivêssemos separados.

8 10
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue fosses de cá 🙌

- 15 de mai de 2016

#Gostavaque os testes acabassem

9 2
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o Sporting fosse campeão

- 15 de mai de 2016

#gostavaque estivesse sol para toda a vida

4 1
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o Benfica ganhasse hoje

15 de mai de 2016

#GostavaQue o SPORTING fosse campeão!!!

15 de mai de 2016

#GostavaQue a MARIJUANA fosse legalizada em Portugal!!!!

2

15 de mai de 2016

#GostavaQue O BENFICA FOSSE TRICAMPEÃO !!!!

15 de mai de 2016

#GostavaQue voltassemos a 1 semana atras @shawnmendes @jackandjackreal

15 de mai de 2016

#GostavaQue o crush sentisse o que sinto por ele !

2

15 de mai de 2016

#GostavaQue o Benfica ganhasse hojr

1

15 de mai de 2016

#GostavaQue essas cabras todas fossem levadas pelo mau tempo...

8

1

15 de mai de 2016

#GostavaQue a escola acabasse de uma vez por todas, quero férias!

10

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o @Sporting_CP fosse Campeão!!
#EuQueroOSportingCampeao

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue a corrupção no futebol português e também mundial acabasse.
Mas está agora a tomar proporções absurdas

1 1
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue a malta fosse mais original nos seus tweets :)

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o intermédio fosse adiado

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue chovesse dinheiro

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue a pizza fosse de graça

8 1
- 15 de mai de 2016

#GostavaQue o @Sporting_CP fosse campeão 🥰👏💪

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue fosse tudo diferente entre nós

- 15 de mai de 2016

#GostavaQue fosse o Porto campeão, mas como não vai ser quero que seja o Sporting

3 3

	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	o Porto fosse campeão	
↩ 1	↻ 3	♥
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	o mundo n fosse como é, cheio de otarios/as	
↩	↻	♥ 1
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	me dessem um iphone	
↩	↻	♥
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	o sporting fosse campeão	
↩	↻	♥
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	me dessem dinheiro	
↩	↻	♥
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	desaparecesses da minha vida!!	
↩ 1	↻ 4	♥ 1
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	toda a gente que conheço viesse ter comigo e me desse 100€ por nenhuma razão	
↩	↻ 2	♥ 1
	15 de mai de 2016	▼
#GostavaQue	vivesses comigo	
↩	↻ 2	♥

ANEXO C – Ocorrências contrafactuais fortes de #gostariaque e #gostavaque

1. #gostariaque bioquímica fosse fácil!
2. #gostariaque tudo fosse um sonho e que a realidade nunca batesse em minha porta
#praque tbm viver sonhando se uma hora vc acorda kkkkk
3. #GostariaQue ela estive-se ao meu lado.
4. #GostariaQue eu fosse lindo ><
5. #GostariaQue Estive-se muito calor.
6. #GostariaQue eu ficasse de ferias o ano inteiro e dois meses de aula ;)
7. #Gostariaque a @caccahs fosse minha irmazinha s2
8. #GostariaQue pai mao e vó fossem eternos ^^

9. #GostariaQue eu estive-se ai com você abraçadin *-*
10. #GostariaQue o meu rei tivesse aq cgm :99
11. #Gostariaque tudo fosse diferente, mais facil !
12. #GostariaQue chovesse dinheiro no meu quintal
13. #GostariaQue hoje nao tivesse aula
14. #GostariaQue voces me amassem menos
15. #GostariaQue o @QUEROSERVLOGGER fosse meu vizinho kkkkkkkkkk –nn
16. #GostariaQue minha vida fosse mais fácil ;/
17. #Gostariaque voce estive-se do meu lado
18. #GostariaQue vc estivesse aki comigo agora
19. #GostariaQue o @ViniciusCossta parasse de ser bonito
20. #GostariaQue amanhã fosse sexta-feira
21. #Gostariaque vacas desses leite achocolatado qentinho na hora u_u
22. #GostariaQue amanhã não tivesse aula :D
23. #GostariaQue amanhã fosse Sexta-Feira !
24. #GostariaQue eu pudesse me teletransportar pro lado do @fulano
25. #GostariaQue eu pudece te beija na frente de todos.
26. #GostariaQue as pessoas fossem mais verdadeiras.
27. #GostariaQue hoje nao tivesse aula' >i<
28. #GostariaQue você estaria aqui
29. #GostariaQue sexta chegasse logo.
30. #GostariaQue Não tivesse aula essa semana u.u
31. #GostariaQue eu não tivesse que ia ao medico amanhã! Kkkk'
32. #GostariaQue amanhã fosse sexta-feira '-'
33. #GostariaQue Amanhã Fosse Sexta-Feira
34. #GostariaQue não tivesse aula o resto da semana
35. #GostariaQue hoje e todos os dias eu possa estar sempre ao lado do meu amor
@JunioSantoos s2'
36. #GostariaQue : pessoas amadas não tivesse que #partir :'(
37. #GostariaQue as coisas que planejo antes de dormir, acontecessem.

38. #GostariaQue você estivesse aqui :(
39. #GostariaQue meu m.a tivesse na minha escola novamente :'(
40. #GostariaQue você nunca saísse da minha vida.
41. #GostariaQue a maninha @AmandaLovato3 tivesse aki e meu fofucho tbm e minha melhor amiga nathi ♥
42. #GostariaQue ele voltasse >.< ;/
43. #GostariaQue nao tivesse prova essa semana, e que acabasse esse calor
44. #gostariaque amanha nao tivesse aula
45. #gostariaque amanha fosse 25/09
46. #gostariaque a katy tivesse aqui
47. #GostariaQue você estivesse sempre ao meu lado @_BarbieMorena <3
48. #GostariaQue a @bia_adonis tivesse akiee cmg :/// .. @bia_adonis ty amoooo
49. #GostariaQue meu marido flamenguista fosse vascaino kkkkk
50. #GostariaQue voce fosse meu.
51. #GostariaQue você estivesse aqui comigo agora :D
52. #GostariaQue Tuudo aquilo repetisse ><'
53. #GostariaQue tudo voltasse a ser como era antes :s
54. #GostariaQue dia 5 de maio chegasse logo. ú.ú
55. #GostariaQue tudo entre nós voltasse a ser como era antes :c
56. #GostavaQue este domingo não parecesse uma segunda-feira
57. #GostavaQue estivesse comigo, aqui e agora.
58. #GostavaQue que o Porto estivesse agora a decidir o título
59. #GostavaQue soubesse o que sinto por ti
60. #GostavaQue a minha stora adiasse o teste de amanhã
61. #GostavaQue tudo fosse mais fácil
62. #GostavaQue já estivessemos nas Sebastianas
63. #GostavaQue todas as mães fossem imortais
64. #gostavaque fosses meu
65. #GostavaQue tivesses cumprido a promessa... dessa forma sabias o que se passava
66. #GostavaQue o twitter e o snap não me sugassem a bateria toda do tlm

67. #GostavaQue neste mundo deixa-se de existir preconceituosos
68. #GostavaQue acordasse rica amanhã
69. #GostavaQue o crush me notasse
70. #GostavaQue o verão viesse mesmo no verão e não no inverno (se é que me entendem)
71. #GostavaQue tivesse altas colunas para irritar os vizinhos com música aos berros
72. #GostavaQue já fosse verão
73. #GostavaQue já estivesse de férias
74. #GostavaQue pudesse ir ao cinema sem pagar
75. #GostavaQue houvesse mais casamentos e batizados para ir ahaha
76. #GostavaQue tivesse mais horas no dia para ver séries e filmes ahaha
77. #GostavaQue as lojas já tivessem em saldos!!
78. #GostavaQue a monografia se fizesse sozinha
79. #GostavaQue muita coisa fosse diferente
80. #GostavaQue pudesse comer e não engordar !!
81. #GostavaQue tivesses aqui, ao meu lado, e não aí
82. #GostavaQue não vivêssemos separados.
83. #GostavaQue fosse de cá
84. #Gostavaque os testes acabassem
85. #gostavaque estivesse sol para toda a vida
86. #GostavaQue voltássemos a 1 semana atras @shawnmendes @jackandjackreal
87. #GostavaQue a escola acabasse de uma vez por todas, quero férias!
88. #GostavaQue a corrupção no futebol português e também mundial acabasse. Mas está agora a tomar proporções absurdas
89. #GostavaQue o intermédio fosse adiado
90. #GostavaQue chovesse dinheiro
91. #GostavaQue a pizza fosse de graça
92. #GostavaQue fosse tudo diferente entre nós
93. #GostavaQue o mundo n fosse como é, cheio de otarios/as
94. #GostavaQue vivesses comigo

95. #GostavaQue tudo fosse perfeito!
96. #GostavaQue deixasses de ser como és ☹

ANEXO D – Ocorrências contrafactuais fracas de *#gostariaque* e *#gostavaque*

1. #GostariaQue houvesse um dia para praticarmos a tolerancia. Seria transformador.
2. #GostariaQue Eu pudesse conseguir dormir cedo ;) .
3. #GostariaQue acabasse o programa do Jo
4. #GostariaQue meu sonho virasse realidade
5. #GostariaQue meus sonhos virassem realidade *-*
6. #GostariaQue os programas de tv fossem mais interessantes aos domingos.
7. #GostariaQue a TEKPIX fosse a filmadora mais vendida do mundo. '
8. #GostavaQue puvesse wi-fi em todos os lugares do mundo
9. #GostavaQue o Somos Portugal e o Love on Top terminasse
10. #GostavaQue todos os meus sonhos e os meu objetivos fossem alcançados
11. #GostavaQue existissem telemóveis com bateria infinita. Iria dar imenso jeito
12. #GostavaQue as pessoas falsas tivessem logo castigo
13. #GostavaQue certas pessoas desaparecessem do mundo.
14. #GostavaQue abrisse os olhos
15. #GostavaQue a MARIJUANA fosse legalizada em Portugal!!!!

ANEXO E – Ocorrências de possibilidade de *#gostariaque* e *#gostavaque*

1. #GostariaQue TUDO DESSE CERTO... (Y)
2. #GostariaQue suas amiguinhas moressem por acidente ;) +1
3. #GostariaQue suas amiguinhas moressem por acidente ;)
4. #GostariaQue tudo fica se bem pra você chata
5. #GostariaQue o vasco fosse campeão carioca, brasileiro e da libertadores
6. #GostariaQue O Vasco ganhasse a libertadores =)

7. #GostavaQue O @SLBenfica ganhasse
8. #GostavaQue o Sporting fosse campeão hoje!! P.S: Sou Portista
9. #GostavaQue sem duvida o benfica empatasse
10. #GostavaQue o Benfica perdesse
11. #GostavaQue muitas pessoas se explodissem
12. #GostavaQue o sporting fosse campeão #DiaDeSporting #EuQueroOSportingCampeao
13. #GostavaQue o meu OnePlus One chegasse ainda esta semana <3
14. #GostavaQue O BENFICA FOSSE CAMPEÃO CLR #rumoaotri #rumoao35
#carregabenfica
15. #GostavaQue a novela A Única Mulher acabasse em breve e com um final feliz
16. Só para ser diferente de todos que só falam de futebol, #GostavaQue o MC Maromba
fosse atropelado por uma carrinha do leite
17. #GostavaQue o Sporting fosse CAMPEÃO!!!
18. #GostavaQue o naciaonal goleasse o benfica
19. #GostavaQue o SPORTING fosse campeão
20. #GostavaQue o Benfica fosse tricampeão
21. #GostavaQue o Sporting fosse campeão
22. #GostavaQue o Benfica ganhasse hj
23. #GostavaQue o Sporting fosse campeao
24. #GostavaQue o Benfica ganhasse hoje
25. #GostavaQue o SPORTING fosse campeão!!!
26. #GostavaQue o Benfica ganhasse hojr
27. #GostavaQue essas cabras todas fossem levadas pelo mau tempo...
28. #GostavaQue o @Sporting_CP fosse Campeão!! #EuQueroOSportingCampeao
29. #GostavaQue o @Sporting_CP fosse campeão
30. #GostavaQue fosse o Porto campeão, mas como não vai ser quero que seja o Sporting
31. #GostavaQue o Porto fosse campeão
32. #GostavaQueo Sporting fosse campeão
33. #GostavaQue hoje o meu Sporting fosse campeão

ANEXO F – Ocorrências de pedidos modalizados de *#gostariaque* e *#gostavaque*

1. #gostariaque #pastora #viesse #nossacidade #congressodeintercessa
#meuemail:renathamfernandes@gmail.comounumero(93)9187-3591.
2. #GostariaQue o cliente só entrasse com o dinheiro.
3. #GostariaQue uma pessoa ai voltasse pra igreja :|
4. #GostariaQue que voocês dois parece com indiretas e se resolvessem logo né
5. #GostariaQue você sumisse prfvr
6. #GostariaQue você me amasse como eu te amo.
7. #GostariaQue o @Felipe_Mowra parasse de teimar comigo kkkkk
8. #GostariaQue cada 1 de vocês me doassem 1 real ><
9. #GostariaQue você me seguisse :)
10. #GostariaQue voce me beija-se agora
11. #GostariaQue eu e voce acordassemos juntos na mesma cama *.*
12. #GostariaQue vcs me decem atenção
13. #GostariaQue Tivesse alguem me esquentando :3
14. #GostariaQue uma pessoa me compreendece.
15. #GostariaQue meu amor voltasse e me perdoasse
16. #GostariaQue As pessoas fossem mais Humildes, no Freestep Principalmente! Quem achar isso tmb dá #RT
17. #GostariaQue as pessoas usassem o bom sensoe fizessem o uso de Fonesde Ouvidos em locais compartilhados com outras pessoas.
18. #GostariaQue você mi amasse como eu ti amo.
19. #GostariaQue as pessoas se espelhassem mais em JESUS CRISTO do que em homens, que mentem, que falham e iludem. (+1)
20. #GostariaQue o Restar nunca mais voltasse do México.
21. #GostariaQue o @pegueopomboagr me amasse de verdade :)
22. #GostariaQue ngm se intrometesse na minha vida.
23. #GostariaQue os funkeiros usassem fones de ouvido :D
24. #GostariaQue o @1exdrogado acreditasse mais em mim :)
25. #GostariaQue o m.a vinha aqui me dá um abraço, agr @_Lucasknob s2

26. #GostariaQue me contratassem pra trabalhar em uma ótima empresa. De preferência no exterior.
27. #GostavaQue os gajos da Santa Casa percebessem que não sou rico
28. #GostavaQue parassem de embirrar cmg
29. #GostavaQue as arbitragens fossem isentas de parcialidade
30. #GostavaQue o @SLBenfica me desse o 35 #35táTudoAP3n5arNoM35mo #DaMeO35 #CarregaBenfica
31. #GostavaQue me olhasses como o se eu fosse a única deste mundo
32. #GostavaQue a guerra acabasse...POR FAVOR
33. #GostavaQue viesses comigo às Sebastianas
34. #GostavaQue os fillers do naruto acabassem
35. #GostavaQue me tirassem daqui literalmente
36. #GostavaQue @PancicAtTheDisco viessem a Portual. @everythingisnew estamos à muitos anos a espera
37. #GostavaQue parassem de tweetar sobre futebol !!
38. #GostavaQue parassem de criticar o modo de se vestir das pessoas. É um direito delas!
39. #GostavaQue me dissessem o nome do filho da puta que inventou a escola
40. #GostavaQue de uma vez por todas, viesses falar comigo e que resolvêssemos as coisas
41. #GostavaQue o gajo do OLX se despachasse a responder-me porque estou a tentar comprar-lhe o caralho do tlm e as respostas dele duram 5 dias.
42. #GostavaQue me levassem a uma pista de gelo
43. #GostavaQue alguém me ensinasse hip hop
44. #GostavaQue As Pessoas Parassem De Me Desiludir.
45. #GostavaQue ela deixasse de ter vergonha '0102
46. #GostavaQue o crush sentisse o que sinto por ele !
47. #GostavaQue a malta fosse mais original nos seus tweets :)
48. #GostavaQue me dessem um iphone
49. #GostavaQue me dessem dinheiro
50. #GostavaQue desaparecesses da minha vida!!

- 51. #GostavaQue toda a gente que conheço viesse ter comigo e me desse 100€ por nenhuma razão
- 52. #GostavaQue o Benfica me desse o 35 #EuAcredito #RumoAo35 #slb4ever #fostenruibado
- 53. #GostavaQue viesses ter comigo
- 54. #GostavaQue me levassem ao cinema
- 55. #GostavaQue me levassem ao marquês